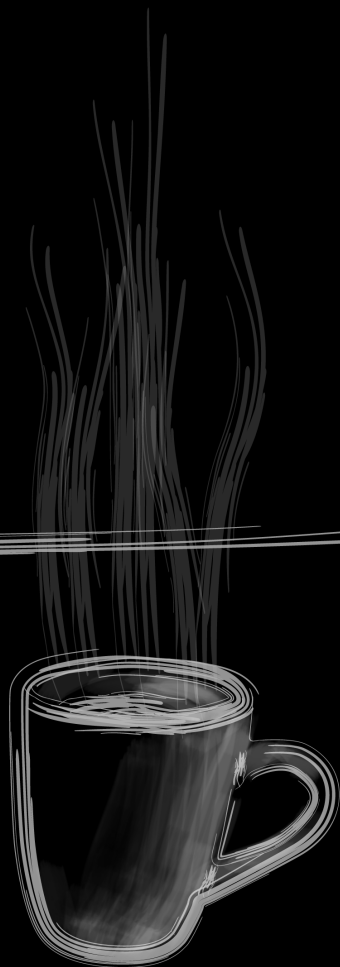
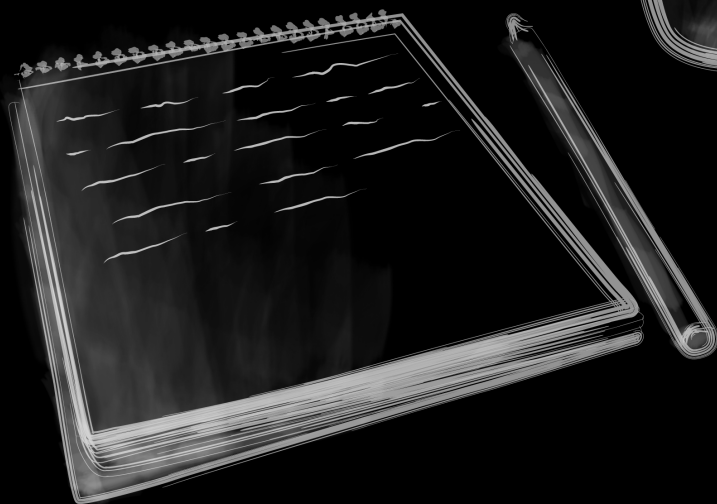


ORGANIZADOR: ALEXANDRE BARBOSA

JORNALISMO EM GÊNEROS

VOLUME 1



Alexandre Barbosa
(coordenação e organização)

Jornalismo em gêneros: volume 1

DOI 10.11606/9788572051576

São Paulo
ECA – USP
2016

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

J82b Jornalismo em gêneros: volume 1 / coordenação e
 organização Alexandre Barbosa -- São Paulo:
 ECA/USP, 2016.
 120 p.

ISBN 978-85-7205-157-6

DOI 10.11606/9788572051576

1. Jornalismo – Brasil 2. Gêneros jornalísticos I.
Barbosa, Alexandre

CDD 21.ed. – 079.81

Jornalismo em Gêneros. Universidade de São Paulo, 2016

Todos os direitos reservados.

Coordenação e organização

Prof. Dr. Alexandre Barbosa

Jornalismo em Gêneros

Uma obra dos alunos do curso de Jornalismo da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo para a disciplina Conceitos e Gêneros de Jornalismo. Adriana Pastorello, Alexandre Amaral, Aline Naomi, André Calderolli, Bianca Kirklewski, Bianka Vieira, Bruna Martins, Carla Monteiro, Carolina Ingizza, Carolina Tiemi, Ethel Rudnitzki, Felipe Saturnino, Felipe Fabbrini, Flávio Iserim, Giovanna Wolf, Guilherme Weffort, Helena Mega, Isabella Schreen, Karolina T. de Mello, Larissa Lopes, Leonardo Mastelini, Lid Capitani, Liz Dórea, Luiza Missi, Luiza Queiroz, Marcella Sales Vieira, Marina Moraes, Natalie Majolo, Rafael Oliveira, Rebeca Silva Santana, Victor Matioli, Victória Del Pintor, Victória De Santi, Vinícius Bernardes

Revisão

Bianka Vieira, Ethel Rudnitzki, Karolina T. de Mello, Luiza Missi, Rafael Oliveira, Victória Del Pintor

Projeto gráfico e diagramação

André Calderolli, Carolina Tiemi, Larissa Lopes, Lid Capitani, Natalie Majolo

Ilustração

Natalie Majolo

Sumário

Apresentação	3
1. Gênero Informativo	5
2. Gênero Interpretativo	9
3. Gênero Opinativo	14
4. Crônicas	29
4.1. O fazer jornalístico	30
4.2. Nos caminhos da vida	42
4.3. Olho no olho com o dia a dia	54
4.4. Aquilo que dá no coração	80
4.5. Dois dedos de prosa com a vida	97
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	111

É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria, proibindo qualquer uso para fins comerciais

Apresentação

Gêneros Jornalísticos na academia e no mercado

Prof. Dr. Alexandre Barbosa

*Professor Doutor da ECA-USP no Departamento de Jornalismo e Editoração,
responsável pelas disciplinas Conceitos e Gêneros Jornalísticos e Laboratório
de Jornalismo Impresso (Jornal do Campus)*

O estudo de gêneros jornalísticos já é uma tradição da academia brasileira. Neste campo se destacam o pioneiro Luiz Beltrão e o árduo trabalho do professor Marques de Melo. Presente na matriz curricular de boa parte dos cursos de Jornalismo, o estudo dos Gêneros está nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Jornalismo e também nos conteúdos cobrados para o Exame Nacional de Ensino Superior (Enade).

Este primeiro volume da série Jornalismo em Gêneros procura responder à dúvida se o mercado de trabalho em Jornalismo também trata a divisão dos gêneros em sua prática ou se esta seria mais uma diferença entre a produção jornalística e seus respectivos estudos. A primeira experiência mostra que, felizmente, este não é o caso.

Resultado dos trabalhos desenvolvidos durante o primeiro semestre de 2016 na disciplina Conceitos e Gêneros de Jornalismo ministrada para a turma do 3º semestre diurno do curso de Jornalismo da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, este livro pretende trazer um panorama sobre a prática dos gêneros informativo, interpretativo e opinativo a partir de entrevistas coletivas feitas com diferentes profissionais do mercado jornalístico que foram convidados a conversar com a turma.

Este panorama foi mediado pela visão dos alunos da disciplina que, para praticarem a construção de textos em cada um destes gêneros, foram convi-

dados a escrever um texto informativo sobre as atividades da disciplina, editar trechos das entrevistas dadas pelos profissionais, escrever perfis destes jornalistas, além de se aventurar pelo mundo da crônica, tão cara à produção brasileira. Para contribuir com os próximos estudantes, os estudantes também construíram verbetes sobre os gêneros que estes convidados trataram.

O curso de jornalismo da ECA-USP agradece aos profissionais Fábio Murakawa (Valor Econômico), Laís Modelli (Revista Cult e Caros Amigos), Bruno Ferreira (Revista Viração), Thiago Domenici (Agência Pública), Julio Maria (O Estado de S.Paulo), Chico Ornellas (Diário de Mogi) e Domingos Fraga (TV Record) que dedicaram parte de seu tempo para conversarem com os alunos.

O objetivo é que a série continue com as próximas turmas da disciplina, trazendo outros profissionais, outras mídias e outras visões dos estudantes para que esta tradição siga numa das principais universidades da América Latina. Estão todos convidados a fazer parte.

Boa leitura!

1. Gênero Informativo

NOTÍCIA s.f. *A palavra provém do latim notitia, que significa dados ou informações. 1. Informação a respeito da situação ou condição atual de algo ou alguém; nova, novidade. 2. Informação que relata fatos ou assuntos de interesse público, transmitida através de veículos da comunicação (jornal, televisão, rádio, revista e internet). 3. Descrição de um acontecimento feita por um jornalista, em relato resumido.*

De acordo com Marques de Melo, em sua obra *Gêneros jornalísticos no Brasil* (2010), fazem parte do gênero informativo a nota, a notícia, a reportagem e a entrevista. Esses tipos de textos têm como principais características a linguagem impessoal e referencial, isto é, na terceira pessoa. Além disso, textos informativos, em tese, não devem trazer a opinião do jornalista.

O gênero informativo foi construído juntamente com o desenvolvimento do jornalismo ao longo da história. No século 20, houve a necessidade de se produzir notícias em escala industrial para consumo imediato. Para isso, eram utilizadas técnicas norte-americanas de redação, como a pirâmide invertida, uma forma de estruturar a notícia hierarquizando os fatos de acordo com sua importância. Esse formato foi classificado posteriormente como modelo ocidental de jornalismo.

A pirâmide invertida consiste em colocar as informações mais importantes no início do texto, que deve caminhar para as outras informações menos importantes. O primeiro parágrafo do texto é o lide — do inglês, lead, cujo um dos significados possíveis é “conduzir”. Este parágrafo traz os principais dados do texto, respondendo às perguntas o que, quem, quando, onde, como e por quê.

Para escolher algo noticiável entre diversos fatos, o jornalista utiliza critérios de noticiabilidade. Analisando as notícias, é possível chegar aos valores-notícia, isto é, os critérios que foram usados pelo jornalista.

Jornalismo é colocado em debate na USP

Ciclo de palestras com jornalistas atuantes, ocorrido na ECA, propôs debate sobre o presente e o futuro da profissão

Ao longo do primeiro semestre de 2016, os estudantes da Universidade de São Paulo, em sua maioria do curso de jornalismo, mas também de letras, matemática e contabilidade receberam palestrantes com carreiras consolidadas na área do jornalismo para ter contato com profissionais do mercado e tirar as dúvidas em coletivas de imprensa posteriores. Os cinco encontros foram, para os alunos, um exercício de entrevistar e manter a conversa ativa durante toda a manhã, sem roteiro pronto.



Fotografia: Larissa Lopes

Na avaliação da aluna de letras Adriana Pastorello, a sequência de palestras trouxe um olhar diferente sobre a profissão e seus bastidores. “Foi bem bacana ter uma ideia mais aproximada e realista da atuação do jornalista. A gente nunca sabe muito bem o que acontece “fora dos nossos olhos” e isso não só em relação ao jornalismo, mas acho que em todas as profissões”, afirma.

As duas primeiras palestras, embora estivessem sob o escopo de temáticas diferentes, o jornalismo interpretativo e o alternativo, respectivamente, trouxeram pa-

lestrantes com atuação em áreas semelhantes: a imprensa alternativa. Laís Modelli, das revistas *Cult* e *Caros Amigos*, Bruno Ferreira, da *Viração*, e Thiago Domenici (que já foi secretário de redação da *Caros Amigos*). A conversa com a jornalista permitiu que as mulheres presentes, maioria entre os estudantes do curso, tivessem contato com a realidade do mercado através de um recorte de gênero. Modelli narrou experiências suas em redações diversas pelas quais passou, e destacou a importância da formação e do tato jornalístico para lidar com a profissão. Ao contar a experiência que teve com um editor graduado em letras, a jornalista explicou que “escrever é muito mais que o uso correto vírgula. Por isso a formação é importante. A formação humana e social do jornalista é diferente”.

O estudante de jornalismo Alexandre Amaral conta que gostou especialmente da conversa com Fábio Murakawa, palestrante que esteve no primeiro encontro, ao lado de Laís Modelli, e que atualmente trabalha no Valor Econômico. O jornalista viajou na companhia do fotojornalista Marcelo Min percorrendo o curso do rio São Francisco. A viagem rendeu posteriormente uma reportagem na Folha de S. Paulo sobre o tema. “Ele não tinha recursos do jornal, nem editor querendo que fizesse a matéria. Ele foi lá e fez. Tirou dinheiro do bolso e foi conhecer a vida. Fez a reportagem para ele mesmo. Isso me lembrou que o jornalismo tem que vir de dentro. Esse sempre é o melhor tipo de jornalismo”, explica o estudante.

Já na área da indústria jornalística, os alunos conversaram com Chico Ornellas, ex-diretor do curso Focas do Estadão, e com Domingos Fraga, do portal R7 e ex-chefe de redação da RecordNews. Além de oferecerem sua visão sobre o futuro da grande mídia na era digital, Ornellas e Fraga comentaram os bastidores das respectivas redações que integravam. Fraga, autor do Blog *Pense Nisso*, abordou a questão editorial de um veículo ligado à Igreja Universal. Segundo o jornalista, ao longo de sua carreira na Record, não houve casos de “censura” editorial - tanto sobre o conteúdo do portal quanto sobre o conteúdo da emissora de TV. Ornellas conversou também sobre o contato que teve com jovens no curso Focas, dizendo o que, em sua visão, as grandes redações esperam de um candidato. “Eu gostei bastante de todas [as conversas], mas a que mais me marcou foi a do Chico Ornellas. Mais do que uma entrevista, o encontro foi uma aula recheada de conselhos práticos para quem quer ser um jornalista”, comenta a estudante de letras Rebeca Silva Santana.

Um pouco mais específica, relacionada ao jornalismo cultural e à música, a palestra do Julio Maria gerou o interesse dos alunos que pensam em seguir a área, o que ficou evidente na quantidade de perguntas que foram feitas ao jornalista na coletiva. Questões centrais da crítica musical, como a dúvida se o estudo de música é pré-requisito e a influência das críticas já escritas sobre um assunto na hora de escrever sobre ele, novamente foram esmiuçadas por respostas mescladas com experiência pessoais de Julio Maria. Além disso, o jornalista também falou da profissão de forma ampla e tratou do ambiente de redação em geral, condenando a mediocridade e incentivando o jornalismo de excelência. Para ele, se o editor pedir para fazer uma “coisinha”, o repórter deve ir além e fazer coisas gigantes e bem feitas, porque ele nunca pode entregar uma “coisinha”: o jornal não pode se contentar com as “coisinhas” porque o público não se contenta com elas.

Os alunos, interessados por jornalismo e ainda os dedicados ao estudo, tiveram a oportunidade de tocar a realidade do mercado, que é alvo de tantos questionamentos, desilusões e murmúrios atualmente. Puderam, através das cinco palestras, ter uma percepção nítida sobre o que é o jornalismo na prática, fora da Universidade.

2. Gênero Interpretativo

Pensemos que o jornalista, ao receber um fato, é colocado dentro de uma caixa. Muitas vezes, por falta de opção e espaço, ele precisa se ater a ela. Em outras, ele pode sair dela, buscar o que há em volta e apresentar visões de diferentes ângulos. É precisamente esse movimento que constitui o gênero interpretativo. Interpretar o fato é trazer à tona as possíveis intersecções, origens e consequências que ele pode ter. É procurar outros filtros e olhos, sejam divergentes, quando o objetivo for trazer uma discussão e gerar reflexão, ou convergentes, quando a intenção for apresentar um ponto de vista que o repórter julga necessário. Para a interpretação de um fato, importa mesclar os tipos de opiniões. Por exemplo, uma análise de conjuntura nacional pede um cientista político ou economista. Mas o trabalhador, que pode pouco conhecer dos livros e seus autores, é também relevante para comprovar ou desconstruir uma teoria. O papel do jornalista está em perceber o que e quem são úteis para a análise, sem intrapolar ou extrapolar, para trazer ao leitor não apenas a caixa, mas tudo que há ao seu redor.



Fotografia: Larissa Lopes

Fabio Murakawa iniciou a carreira na grande imprensa em 1997, no caderno de agronegócio da Folha de S. Paulo. Atualmente no jornal Valor Econômico, em 2001 migrou para o Agora e, pouco mais de um ano depois, tornou-se jornalista freelancer, tendo realizado grandes reportagens para a Playboy e matérias de cobertura para a Folha. Um de seus trabalhos freelancers ocorreu na agência de notícias Reuters, onde selecionava conteúdo internacional de interesse para sites brasileiros. Lá ficou entre 2004 e 2009, quando rumou para a editoria internacional do então recém-criado portal R7. Como repórter do Valor, cobre macroeconomia e política de países da América Latina.

Fabio Murakawa

“Fiz minha primeira reportagem enquanto trabalhava na Folha. Iria tirar um mês de férias e estava pensando em fazer uma road trip pelo Brasil. Abri o mapa e encontrei um marco que começa no sul de Minas, corta o estado todo, passa pela Bahia, faz uma curva para direita em direção ao oceano e termina na divisa de Alagoas com Sergipe. É trajeto do rio São Francisco. Chamei um amigo fotógrafo, o Marcelo Min, e fomos seguir o rio. No meio da viagem, descobrimos que ele estava fazendo 500 anos da data de sua descoberta, o que nos deu a ideia da reportagem.”

“Gente, eu não aprendi a fazer grande reportagem. Na faculdade, a gente tem algumas referências, o professor nos passa algumas coisas para ler. Mas foi só ali, na minha primeira tentativa que aprendi.”

“O desafio para o jornalista hoje é se manter atualizado, saber produzir jornalismo de qualidade com a tecnologia disponível, já que hoje o maior concorrente da Folha não é o Estadão, é o Facebook, o Google.”

“O ideal é o seguinte: se você sabe que vai fazer uma grande reportagem, faça uma pré-produção. Então saia daqui com o máximo de informação possível, porque isso vai te ajudar lá na frente durante a apuração. Mas saiba que a qualquer momento pode acontecer um tamanduá na sua frente, algo inesperado.”

“Quando você está em campo, você coleta muita história. O desafio é saber selecionar sobre o que você vai escrever.”



Fotografia: Larissa Lopes

Laís Modelli é jornalista formada pela UNESP e mestre em Comunicação Midiática, com pesquisa sobre o movimento feminista brasileiro na era da internet. É colaboradora das revistas Caros Amigos e Cult, jornalista independente e publica, desde 2013, em veículos como Folha de S. Paulo, BBC Brasil, Fórum e Piauí. Foi, durante três meses, correspondente internacional no México. Este ano, depois de ganhar uma bolsa de reportagem da revista AzMina, passou a integrar a equipe de mulheres jornalistas. Desde novembro de 2015, adicionou a seu currículo a colaboração com a revista Cult, em que realiza matérias sobre arte, dança e cultura, além de reportagens e perfis biográficos.

Laís Modelli

“O que eu faço hoje é reportagem assistida por computador ou televisão. As escolas de comunicação precisam ensinar a fazer grandes reportagens, deveria ser o carro chefe dos cursos. Recentemente fiz uma matéria sobre a Revolução de Rojava, liderada pelas mulheres do estado curdo, e não precisei ir para lá. Entrevistei uma curda pelo Skype e terminei o texto em 15 dias. O jornalismo de dados e a internet complementam quando não podemos ir até os locais investigar presencialmente.”

“A seleção das fontes e das informações é algo puramente ideológico.”

“Para jornal, o título é bem direto, jornalismo duro, sem muita criatividade, normalmente tirado do lead. Já nas revistas costumo deixar para fazer o título por último, porque essa é a parte mais gostosa.”

“Nunca consegui publicar uma pauta sem estipular exatamente o formato em que o texto seria escrito. Eu costumo fazer perfil, entrevista ping-pong e grande reportagem.”

3. Gênero Opinativo

Assim como no jornalismo interpretativo, o repórter busca, no gênero opinativo, complementos e fatores externos que podem explicar um fato. Entretanto, no caso da opinião, a subjetividade está mais presente. Enquanto o texto argumentativo tem no repórter um mediador dos fatos e atores, o opinativo o tem como personagem, pois a visão de quem escreve é o principal fio condutor. As fontes, referências teóricas e fatos empregados na narrativa do jornalismo opinativo servem ao ponto de vista do autor. Duas características marcantes relativas a forma do texto opinativo são a assinatura, seja do repórter ou do jornal (editorial), e a demarcação clara de textos opinativos na diagramação, sempre buscando deixar claro para o leitor que há uma opinião, podendo essa ser dissociada ou associada a linha editorial. Os textos de opinião abrem margem também para um trato específico da palavra. Alguns jornalistas recorrem ao lirismo ou a recursos linguísticos de mais subjetividade e apelo emocional, também como estratégia de inserir o pensamento na cabeça do leitor.



Fotografia: Carolina Tiemi

Bruno de Oliveira Ferreira é educador da Revista *Viração Educomunicação*, publicação semestral feita de forma voluntária por núcleos de jovens presentes em diversas cidades do Brasil. Docente de Comunicação do curso Técnico em Publicidade do Senac Osasco desde 2014, já ministrou formações sobre Comunicação, Direitos Humanos e Humanidades para adolescentes. De forma autônoma, palestrou sobre Educomunicação para estudantes de licenciatura da USP, da Universidade Estadual do Piauí, da UniRondon e UFMT. É idealizador e editor da Revista *Caravela* e seu blog (www.caravela.blog.br), um anuário com produções literárias e artigos sobre cultura, sociedade e comunicação feita de forma colaborativa.

Bruno de Oliveira Ferreira

“Para mim, fazer jornalismo, fazer comunicação, só tem sentido em uma perspectiva educativa. Aprendi que comunicação é um direito humano, e fico indignado do quanto a faculdade não dá conta disso por estar focada no mercado de trabalho. Preciso de tranquilidade e acho que é isso que falta hoje nos meios de comunicação: tranquilidade para selecionar informações. Lemos notícias que não contribuem em nada para a reflexão, ainda mais nesse momento conturbado do país. Informar não necessariamente cria vínculos e diálogos entre as pessoas e os meios de comunicação de massa não estão promovendo o entendimento entre elas. Precisamos de uma comunicação mais humana, que construa pontes e não barreiras.”

“Dentro da hegemonia de alguns veículos de comunicação, temos profissionais comprometidos com questões sociais, direitos humanos, mas que não estão em sintonia com a ideologia da empresa. A hierarquia não permite eles irem além. Uma matéria bem feita exige tempo, profundidade. No hard news, você fará uma coisa de qualquer jeito. Nos veículos diários, poucas coisas que estão ali te auxiliariam a entender o que está acontecendo em um contexto maior. Não sou otimista em relação a eles.”

Sobre a Viração: “Começo a escrever e depois vou lapidando o texto. Às vezes, no final, vejo que ele não ficou com caráter de reportagem, mas publico mesmo assim. A nossa lógica é outra, não estou lá para atender expectativas de um mercado. A riqueza está justamente no repertório. Sou editor de adolescentes, então só melhoro alguns aspectos do texto, mas procuro deixar com a cara do jovem. Os jovens, ao fazerem comunicação, fazem política também. A Viração é a escola mais rica pela qual já passei.”



Fotografia: Carolina Tiemi

Thiago Domenici formado pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, foi editor e repórter da Caros Amigos, tendo passado pelas revistas Brasil, Retrato do Brasil e Rede Brasil Atual. É um dos autores do livro-reportagem “Brasil Direitos Humanos” (2008), trabalho publicado pela Secretaria dos Direitos Humanos da Presidência da República e co-diretor do documentário “Caso da Escola Base” (2004), premiado no Festival do Sesc São Carlos em 2005 e no Festival Aruanda em Pernambuco. Edita e colabora no blog Nota de Rodapé, projeto de jornalismo e arte. Desde janeiro de 2015, é sócio-diretor da Agência Página Três, voltada à estratégia e produção de conteúdo com linguagem para diversas plataformas. Atualmente, também escreve para a Agência Pública.

Thiago Domenici

“Opinião é opinião, não é jornalismo necessariamente. O jornalismo vai além. Nunca foi tão importante ser jornalista como hoje. O debate que se faz tornou-se binário e, infelizmente, o jornalismo não tem cumprido o papel de esclarecer os fatos. Mais atrapalha do que ajuda. É então que a imprensa independente e a mídia alternativa têm papéis a serem cumpridos, os quais não precisam ser intensificados. Só teremos pessoas melhor informadas e mais esclarecidas com mais reportagens de profundidade. O hard news, a notícia ligeira, tem o seu papel, mas não traz o contexto das coisas. Informação de qualidade, com as redes sociais, é cada vez mais rara. A reportagem de profundidade está em extinção, é muito cara, leva tempo, mas é fundamental. Cada vez mais que tivermos mais jornalistas envolvidos nisso, melhor. Se o jornalismo não cobrir o interesse público, estamos fodidos.”

“O repórter tem um carinho muito grande pelo texto que ele escreve e às vezes esse texto de fato não está bom. O editor tem um papel de observador, assim como o leitor, além de uma visão técnica, jornalística. Se não acontece um diálogo transparente entre o editor e o repórter, cria-se um ruído que atrapalha a publicação. No fim, existe uma hierarquização na redação que precisa ser respeitada. Para quem faz o texto, é bom ter humildade na hora de ouvir uma opinião.”

“A imprensa independente, historicamente, nunca teve dinheiro. É um problema a ser lido diariamente. O jornalismo impresso sempre foi dependente da publicidade, é o carro-chefe de financeiro de qualquer publicação. Assinante nunca cobre o custo de fazer uma publicação, é uma receita importante, mas não suficiente. A publicidade nos meios alternativos é muito menor, é uma voz que não condiz. Você tem que ser remunerado pelo aquilo que faz, mas buscar formas de financiamento ainda é um problema. Hoje, os veículos de comunicação online estão justamente debatendo como sobreviver fora do main stream. Ainda não há resposta para isso. Financiamento do público, crowdfunding, pagamento mensal com desconto em produtos.”

“É sempre um problema roteirizar uma reportagem, às vezes você parte de uma tese e chega a outras observações, questões que até desvirtuam a ideia inicial da pauta. O meu método de trabalho é muito simples. Faço muita pesquisa antes de fazer qualquer entrevista. Um jornalismo sem checagem é um jornalismo ruim. Nunca começo com um roteiro prévio, gosto de me surpreender com a pesquisa.”



Fotografia: Larissa Lopes

Julio Maria é repórter e crítico de música do “Caderno 2” do jornal O Estado de S. Paulo. Na Rádio Estadão, apresenta a coluna “Mais Música”, trazendo entrevistas, reportagens, novidades, críticas e opiniões sobre o universo musical. Ficou encarregado de escrever a principal obra sobre a maior cantora da música popular brasileira: a biografia de Elis Regina “Nada Será Como Antes”, lançada em 2014. O repórter já havia publicado o livro “Palavra Cruzada - O Jogo da entrevista”, pela Editora Seoman, no qual reuniu as cinquenta melhores entrevistas produzidas por ele no Jornal da Tarde. Por fazer a cobertura musical para o Estadão há mais de 15 anos, as portas para o desenvolvimento do projeto de Elis Regina abriram-se facilmente.

Julio Maria

“É preciso distinguir o fã e o jornalista. É muito ruim flagrar um texto de um fã. As perguntas são claramente enviesadas. E o pior: não tem credibilidade junto ao leitor. Cabe a nós descobrirmos os erros e as falhas dos nossos ídolos, também. Não há problema em ter ídolos. Mas, na hora de escrever, é necessária uma postura profissional.”

“Jornalismo é feito de fonte. É preciso alimentar as fontes. É preciso preservá-las. E se for o caso enfrentá-las, enfrente-as. Mas não faça críticas mentirosas. Nem na música, nem no cinema, nem no teatro. Não se trata de agradar ninguém nem fazer amizades. A questão é que falar mal é muito mais difícil do que falar bem.”

“O envolvimento com o entrevistado é uma questão que precisa ser levada em conta. Eu não sei se é bom ter a sua fonte como amiga no Facebook. Essas relações são muito complicadas. Não conhecê-lo ou não ter vínculos com o artista cujo trabalho está posto em crítica pode prover uma liberdade importante. Trata-se de considerar os erros e os acertos sem medo. O texto não pode ser prejudicado pela sua tentativa de agradar ou não aquela pessoa. É preciso alimentar essa condição jornalística. Por isso, estamos reaprendendo a fazer jornalismo enquanto o trânsito nas redes sociais cresce muito.”

“A gente precisa lutar pela profundidade do jornalismo. Existe crise, existe internet, tudo ameaçando a profundidade. Estamos por um fio. As redes virtuais se saciam com dois parágrafos. Mas nós não podemos nos contentar com isso.”

“O jornalismo está vivendo um momento complicado em relação aos cadernos de cultura. Na verdade, o jornalismo como um todo está sendo repensado para atravessar a transição da internet. Mas, para mim, está ficando cada vez mais claro que não é uma transição. Não vai deixar de existir o jornal impresso. Só precisamos pensar num jeito

para que ambos existam complementares ou distintos, mesmo. Nesse contexto, temos que lutar pelo jornalismo cultural. Minha eterna briga é sair da agenda. Estamos carentes disso.”

“Como me tornei um repórter de música? Primeiro, eu tive a sorte de já ter feito música. Foi uma experiência muito bem-vinda. Não precisa estudar academicamente, como foi o meu caso. Não é pra explicar técnica, porque o leitor não quer saber disso. Mas o simples fato de ter o conhecimento de um instrumento já te dá uma sensibilidade. E a sensibilidade acumulada ao longo da formação jornalística é o que define nosso texto.”



Fotografia: Carolina Tiemi

Chico Ornellas é jornalista e iniciou sua carreira em 1965 em O Diário de Mogi, onde foi repórter, editor, editor-chefe e atualmente é diretor editorial e integrante do Conselho Editorial. Trabalhou como repórter, correspondente, redator, editor e chefe de reportagem no jornal O Estado de S. Paulo, iniciando sua trajetória em 1970. Permaneceu no Estadão até 2012, onde implantou e dirigiu o Curso Estado de Jornalismo — carinhosamente chamado de Curso de Focas — destinado ao treinamento dos novos jornalistas. Foi professor da Faculdade Cásper Líbero e diretor dos cursos de jornalismo da Universidade Braz Cubas e das Faculdades Integradas Rio Branco. É integrante avaliador do Claep, órgão instituído pela Sociedade Interamericana de Imprensa, que fornece credenciamento internacional a escolas latinoamericanas.

Chico Ornellas

“O que é o jornalismo? Há muito tempo, ele era a intermediação da informação. Nós jornalistas não somos os donos da informação. Nós somos os profissionais que a capturam no mundo, a processam e a devolvem para a sociedade que a entregou. Ou seja, nós jornalistas somos apenas os processadores e intermediários da informação. Aliás, nós éramos. A internet veio e devagarzinho bagunçou isso. Hoje a sociedade interage com as informações entre si, independente do nosso papel. Então o jornalismo acabou? Não. Nós jornalistas temos que ter a consciência de que isso é um fato. Um fato que existe indiferentemente de querermos ou não. Então nós temos que estar preparados pra capturar a informação, selecioná-la e dá-la de volta processada pra sociedade.”

“É importante que o jovem jornalista tente se desvencilhar de todo e qualquer preconceito. Não é fácil, já que todos nós temos algum preconceito. Enquanto o jornalista é jovem, pouquíssima gente está preocupada com a sua opinião. O consumidor de informação processada busca dos jovens jornalistas a informação, o olho do repórter, que vê o que o comum dos seres não vê. Hoje, com a proliferação das redes sociais, todo mundo tem opinião sobre tudo. Deixe o leitor formar a sua opinião! Nós jornalistas não podemos ter preconceitos. Enquanto cidadãos devemos, mas enquanto profissionais nossa obrigação é isenção absoluta! É registrar um fato.”

“Nas redes sociais está muito em voga o maniqueísmo. É um horror! Do mesmo jeito que temos que ler aquele jornal e aquela revista com que nos identificamos, temos que ler aquele jornal e aquela revista que são opostos ao nosso pensamento a fim de podermos formar uma razão. O que caracteriza o jornal e a revista é um negócio que se chama ‘linha editorial’. Todos os jornais e revistas têm uma. Por exemplo: a linha editorial da Veja é de oposição ao governo atual [governo Dilma], já a linha editorial da Carta Capital é de apoio a esse governo. Nós temos que ler ambas pra sabermos as razões de uma e as razões de outra e a partir daí formarmos a nossa convicção.”

“A crônica é uma brincadeira com o texto. Notícia é outra coisa. Só pode escrever crônica quem tem história pra contar. Quem não tem e se atreve a fazer crônica, pode até fazer, mas corre muito o risco de “quebrar a cara”. Isto porque a crônica exige uma interação, ela é um carinho com o leitor. Nós temos que tratá-lo, seja na crônica, seja na informação pura, com muito carinho e apreço. O cronista precisa ter uma relação de cumplicidade com o leitor e, para isso, precisa conhecê-lo. Conhecer significa ter uma imagem de quem ele seja, de acordo com a linha editorial do jornal ou da revista. Quando escrevemos uma crônica, partimos de um fato real e montamos um cenário de acordo com a cumplicidade que temos com o leitor. E é muito gostoso.”



Fotografia: Carolina Tiemi

Domingos Fraga nasceu no Rio de Janeiro, onde se formou jornalista e teve sua primeira experiência, em 1979, num jornal de bairro. Há 37 anos na profissão, exercendo-a por mais tempo em São Paulo, considera que já fez de tudo: foi repórter policial, comandou revista de celebridades (a Quem, da editora Globo), escreveu sobre economia e astronomia, deu aulas na Cásper Líbero e ocupou o posto de redator-chefe da IstoÉ. Sua história na Record, que já dura 10 anos, oscilou entre a posição de também redator-chefe, onde passou a primeira metade da trajetória, e a editoria executiva do portal R7, em que, atualmente, ao lado de Celso Fonseca, mantém o blog Pense Nisso.

Domingos Fraga

“Na televisão é preciso ter uma ordem muito direta e assimilável. Não é necessário usar a mesóclise - como o nosso presidente - porque ninguém vai entender. Por outro lado, na televisão não se pode usar uma linguagem chula. É bem difícil. Mas qual a vantagem? Você consegue falar com a massa, você vai aprendendo... Tem que ser de maneira muito direta e objetiva.”

“Se você escrever no jornal, você não irá se preocupar com o horário que as pessoas o lerão. Se você falar na televisão, o horário é fundamental. Ao fazer um jornal às 20h30, tem-se um público, se o jornal é feito na manhã, tem-se outro público. Pautas, termos, conceitos, considerações.... Às vezes a mesma matéria é diferente. Por que? Porque em tese, quem fica até a meia noite acordado, não precisa acordar às 5 da manhã do dia seguinte. E por pesquisas e constatações empíricas, vocês vão perceber diferenças no nível social, não necessariamente intelectual, mas o nível social mais elevado.”

“O comentarista é o cara que bota a cara para bater. A Internet hoje não tem tolerância para ouvir, não há diálogo. As pessoas não estão dispostas a ouvir, mas a falar. Na internet, a pessoa não lê, ela só vê o título. E mesmo assim compartilha. Não há a mínima noção. Faz parte do jogo e não me incomoda mais.”

“Eu preciso ter bom senso. Eu sei onde estou. Mas não sou preposto do Edir Macedo. Tenho a minha opinião e é óbvio que existirão divergências. Mas preciso ter bom senso em relação a onde trabalho. Fazendo uma analogia barata: eu não vou chamar um alcoólatra para ser gerente da minha loja de bebidas. Você tem que saber em qual caminho está pisando. A gente tem que ser direto. No meu blog, eu não vou falar mal de Jesus. Eu sei onde estou.”

“Muito mais importante do que a forma, é o conteúdo. Você pode escrever mal, mas se der uma informação que é verdadeira, isso valerá mais. Não adianta ser um gênio se o que você está oferecendo não tem credibilidade. O que te atrai na internet? É preciso estar fazendo parte desse mundo. Porque a leitura da internet é rápida. Não adianta ficar escrevendo para as pessoas da minha geração. Obviamente, você tem que ir mudando. Hoje você não tem tempo. Antes o sujeito acordava e tinha uma hora para ler o jornal. Hoje não, você está aqui conversando e fazendo mil coisas ao mesmo tempo. Você não pode fazer um texto longo porque as pessoas se cansam.”

“Como diria Raul Seixas: ‘eu prefiro ser uma metamorfose ambulante do que ter uma verdade absoluta sobre tudo’. É óbvio que você irá mudar de opinião. As coisas vão mudando, as circunstâncias vão mudando. Eu não tenho a menor vergonha em dizer que errei ou mudei de opinião. Uma coisa bacana que o jornalista exercita pouco é o contraditório. O contraditório é maravilhoso para a nossa vida pessoal. Quando você muda de opinião, significa que você aprendeu alguma coisa.”

“Ao mesmo tempo em que a internet é facilitadora, ela pode dificultar bastante a busca da informação real. Hoje em dia, qualquer um pode ser jornalista. Essa é uma das dificuldades da imprensa. Qualquer um pode ter um blog.”

“No fundo, nosso negócio é como outro qualquer. Um patrão busca otimizar seus custos. Caso contrário, o negócio não sustenta. Alguém tem que remunerar. No entanto, na televisão ainda há espaço para grandes reportagens... Um rapaz estava exaltando o fato de ter levado uma câmera e feito uma matéria sobre os sírios imigrando para a Europa. Estava exaltando o fato dele ter levado uma câmera, de ter feito tudo sozinho. Estava falando que era importante ser versátil e saber fazer tudo. Então eu o interrompi e disse: não, isso se chama corte de custos. Televisão ainda pode um pouco, mas mesmo assim é difícil. Não dá para imaginar que você pode fazer isso se não houver mercado.”

7. Crônicas

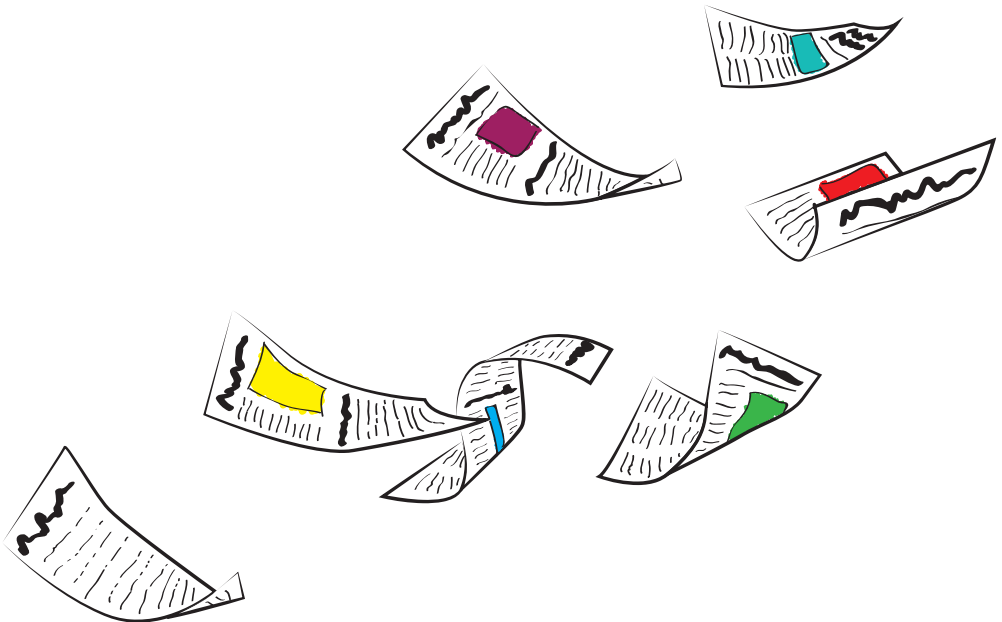
Segundo o senso comum, crônica se trata de uma narrativa histórica curta que expõe fatos cotidianos a partir do ponto de vista do autor. Habitualmente, são destinadas a uma parte específica de jornais ou revistas que tratam de temas como arte e ciência. Já os entusiastas deste gênero dizem que ela é a ciência de compartilhar a arte literária além das palavras, com um pedaço do coração. Crônica é observar a realidade atentamente, analisar os fatos e imprimir a realidade de forma sensível no restrito espaço das folhas de papel.

Crônica é texto que informa, instiga, questiona. É também texto que envolve, cativa, comove. E, sobretudo, é texto que expressa. Ler uma boa crônica é uma viagem que pode te transportar para além dos limites da imaginação. Traduzir com tão poucas palavras o que é uma crônica não é tarefa fácil. Que tal então, meu caro leitor, aproveitar a coletânea de crônicas a seguir para melhor compreendê-las? Boa viagem!

O fazer jornalístico

“Os jornais é que falsificam a imagem do mundo (...) O jornal quer fatos que sejam notícias, que tenham conteúdo jornalístico (...) Porque os jornais noticiam tudo, tudo menos uma coisa tão banal de que ninguém se lembra: a vida...”

Rubem Braga



A crônica

Carolina Tiemi

A primeira crônica nasceu quando as duas primeiras vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para relatar os sucessos do dia. Talvez falassem duma nova receita, da obra na rua, ou reclamassem do calor. Isso, quem sugeriu foi Machado de Assis em *O Nascimento da Crônica*. Eis que ela surge como ela se mostra: próxima, pessoal, trivial. Textos típicos, de momento, traduzem o mundo onde vivem e revelam marcas do seu criador. É possível, assim, que sejam os escritos franceses metidos a eruditos e os ingleses, sarcásticos. Ironicamente, a primeira crônica eca fora feita em meio à greve.

Não que houvesse, nisso, um problema – decerto os estudantes de jornalismo agrupavam-se às segundas-feiras afim de debicar os gêneros jornalísticos. Bem como resvalam-se da aula para algum devaneio, faziam algum prognóstico acerca da política e das pautas da semana, ou meramente digrediam sobre qualquer outro ponto da vida. Cada um desses discursos eram também crônicas faladas.

E há certa graça nas crônicas dos jornalistas – os comunicadores que estranham escrever sem um lide. Redigir uma crônica é se alongar num caso corriqueiro sem a menor noticiabilidade, se permitir dar algumas voltas no texto sem a menor objetividade. É fazer o que não se pode em qualquer jornalismo: narrar o fato permitindo extravasar o lirismo. Mas não que isso intimide seu autor: todos tomam o fabrico e seu escrito como a uma gestação e ventura concepção. E todo pai bate palmas para os gracejos da prole.

Machado provou um tanto das duas áreas: foi jornalista, ainda que canoizado como literato. A crônica é, enfim, misto do jornalismo e da literatura, tendo os pés na rua e a cabeça nas nuvens.

Mas isso não restringe o gênero aos jornalistas, afinal, não existem impedimentos para reportar a outrem ou a si mesmo os acontecimentos e fantasias

do dia. Que as grandes bibliotecas e listas das cem melhores qualquer-coisa salvem os grandes sertões e os defuntos autores, mas a crônica está aqui e em qualquer canto, aparece de mansinho, não quer abafar ninguém. Talvez não vire patrimônio universal e histórico, não ganhará uma manchete (capaz que seja fruto de uma mas, humilde como é, não almeja ilustrar as capas dos jornais tradicionais ou alternativos).

Por isso é tão charmosa: há beleza nos olhos de quem vê alguma beleza na vida e no mundo. E, por consequência, na sua transcrição, seja ela filha de qualquer autor. A crônica não exige a grandiosidade dos monstros sagrados românticos ou a rigidez da forma parnasiana. Não tem pompas, não tem outro fim que dar outro molde ao lirismo do dia a dia. Cada jornalista deveria tomar para si a prerrogativa do gênero e ver, na história mais infértil, uma boa narrativa. Fazer uma crônica nada mais é do que deixar o cotidiano transbordar-se em palavras.

Um pouco jornalista

Helena Mega

O bombeiro que senta ao meu lado está usando um daqueles cintos cheios de apetrechos. Eu pergunto a ele se é necessário usar esse acessório tão desconfortável durante toda a viagem. Ele responde com tranquilidade que sim, imagino que já deva estar acostumado; me mostra a corda, os ganchos.

Sua filha mora em Jaú e quer cursar medicina na Unicamp. É muito estudiosa. Quando digo que sou estudante de jornalismo, ele fica animado, em uma reação não muito usual. Explica: frequentemente, mantém contato com as jornalistas da região, que o procuram quando há alguma ocorrência nas rodovias. Como prova, acende o celular e me mostra os contatos delas salvos no WhatsApp. “Já dei até entrevista”, orgulha-se. Por isso, me diz que é um pouco jornalista também, inclusive gosta de escrever.

Penso que talvez todos nós sejamos um pouco jornalistas, contando nossas histórias pelo mundo e fotografando a vida que corre. A única diferença é que alguns adotam isso como estilo de vida. Outros não devem gostar tanto assim do ofício, ou têm medo (com razão) de não conseguir um bom emprego. A verdade é que não sou cronista, e cá estou eu me arriscando. Então porque não deveriam todos?

Ele então me conta sobre uma de suas últimas aventuras — não, ela não está relacionada a um resgate heroico em um grande incêndio, a conversa não chegou a esse nível. Foi quando receberam, no centro de treinamento, a apresentadora Sabrina Sato e sua equipe para uma gravação na qual ela deveria se arriscar em simulações de situações de risco. Quando chego em casa, procuro o vídeo do programa no YouTube. É péssimo, em realidade. A música de fundo cria, ao tempo todo, um suspense que não existe e, sempre que pode, a câmera filma as coxas dela.

O bombeiro desceu do ônibus antes de mim, no meio da rodovia em dire-

ção ao posto de serviço. Sim, vejo que ele é um pouco jornalista. Não sabe o que será do amanhã e não tem hora nem dia para chegar em casa. Está sempre indo aonde o mandam ir, aonde precisam que ele vá. E no meio disso, uma vez ou outra, nossos caminhos se cruzam.

Uma crônica amargurada

Liz Dórea

Aos jornalistas foi negado o direito de ser poeta. Nas redações, minguadas, restaram os pragmáticos, os apartidários, os desapaixonados e os literais. Não que fartassem vagas para quem quer que seja, verdade seja dita. São tempos difíceis para os que vivem da palavra. Mas os poetas, ah, os poetas, românticos, ingênuos, iludidos: foram os primeiros a serem decepidos pelos passaralhos.

Alguns sobreviventes - natos fingidores, frios na casca e quentíssimos na alma - ainda sobram pra contar história às futuras gerações de comunicadores; essas sim, já desacreditadas. Na penumbra de seus quartos alugados, nalgum lugar da cidade longe da especulação imobiliária, dizem as más línguas que estes veteranos de guerra ainda mantêm as velhas máquinas de escrever, belíssimas Olivetti's portáteis, tintilando a todo vapor - só pelo charme saudosista de se sentirem como poetas, filhos da década de cinquenta cativos ao século vinte e um.

À luz do dia, depois de decuparem um áudio de duas horas infecundas, transcrevendo-o duas vezes - uma no papel datilografado e a outra na nuvem do computador - os poetas frustrados tentam em vão escapar à foice virtual e inclemente dos editores. Mas são tão escassos os caracteres em oferta, coitados, mal podem esgueirar uma metáfora aqui ou afrouxarem lead acolá sem serem flagrados, denunciados e reprimidos. Quantos não perigaram perder o emprego? Não tivessem lábia boa, e já não restariam sobreviventes vivos.

Mas pudera!

É muita inocência, mesmo. Onde já se viu figura de linguagem botar comida na mesa? O tempo é de crise! O que dá de comer à jornal sem poesia é anúncio. Anúncio de carro, anúncio de imobiliária, anúncio dos corruptos que pagaram para se safarem das reportagens investigativas, anúncio de anúncio. Propaganda, já se dizia, é a alma do negócio. E aí o jornalismo precisa

engolir o orgulho, pular do precipício do ego e aceitar que perdeu o páreo. Não é mole disputar com o capitalismo. Quantos pobres-diabos gastaram a vida inteirinha nesse tento e falharam?

Quem olha assim, acha que fui sábio, engoli o sapo ligeiro e até sofri menos. Grande balela. Engasguei um bocado. Até porque o inchaço do tombo só doeu depois da formatura. É aquela história: a universidade não existe. É terra boa, terra de sonho, terra dos olhinhos brilhando, das penças de moçoilas aguerridas e rapazotes esqueléticos, todos convictos que a revolução comunista internacional está para bufar em nossas portas.

Não por acaso, os universitários, românticos, ingênuos, iludidos, que se meteram a estudar a comunicação pelo privilégio de serem poetas, choraram muito as pedras no meio do caminho e, não raramente, se renderam à derrota. Outros, resistiram ao baque e já até decoraram a norma fundamental dos manuais de redação dos principais jornais do país: escrita objetiva, enxuta e sem poesia. Melhor assim, apostam os conformados. Antes derrubar o café ralo no teclado do que na folha impressa.

De qualquer forma, passado o terceiro ano de graduação, não dá nem pra militar mais. O dilema é simples. Ou disputa o vale-refeição ou o diretório central dos estudantes. Sem contar, é claro, o histórico de carreira, porque ser membro do centro acadêmico nunca engordou currículo de ninguém. Que se saiba: pra viver a vida concreta, pra existir no mundo-cão, nada daí se aproveita. No máximo, vira tudo um óleo mal cozido na memória, cheirando a cigarros e a merda de moscas. Uma pena. Memória fraca é um demérito horrível prum jornalista.

Mas mentira também. Então, digo a verdade: depois de crescer, às custas de 40mg de omeprazol e uma crise nervosa por mês, o proletário jornalista se desajusta inteiro enquanto categoria. Esquece o que aprendeu sobre a tomada de poder dos Bolcheviques no movimento estudantil, reprova em matéria de sindicato e vira um liberal carente, que não sabe sequer se organizar pra impedir de arroxarem ainda mais o seu salário. Mas condição de trabalho por condição de trabalho, a gente se arranja. Coisa é a poesia. Por ela, não há greve geral que dê jeito. A poesia, a poesia já foi inteira sufocada.

Mas que dá saudade, ô, que saudade danada. Ainda lembro de quando era admirável falar das entranhas em brasa do entrevistado, igual Gabo fazia n'As

Crônicas de Uma Morte Anunciada. Bem que dava pra estudar jornalismo folheando O Brejo das Almas. Agora, a alma é que foi pro brejo. O jeito é endurecer. Esgoelar a ingenuidade pela carne do pescoço e engolir uma dose brava de malícia. Porque nos velhos aposentos da jornalismo, o verso do dia não muda: sem vagas para os poetas.

Um nó meio frouxo

Adriana Pastorello

Seria como calçar o sapato e se importar mais com o modelo do nó do que com o fato de prender efetivamente o calçado no pé. Apontar dentro de uma composição textual o lugar adequado a cada vírgula, tendo a composição o intuito de informar ou não, pode comprometer a fluidez e a liberdade da voz que ali tenta se fazer ouvida; o que seria até um tanto antidemocrático em tempos de liberdade de expressão.

A presença do agente revisor como fórmula para a adequação de textos à linha editorial de veículos de comunicação é matéria para discussões muitas. Veja que não se trata aqui da revisão realizada segundo os limites da gramática normativa, aquela em que a pose da vírgula muda todo o sentido da narrativa, mas sim aquela que se prende nas qualidades de distinção e estilo. E no caso do texto jornalístico, seguindo as orientações da tradição local, sem perder de vista a exigência de um caráter imparcial da informação, ou seja, livre de opiniões. Se é mesmo importante o comprometimento, com ambos os territórios, o da forma e o do conteúdo, que seja feito um nó de correr: utilidade e aparência conhecidas e identificáveis, juntinhas no mesmo lugar.

Reconhecer o ambiente controlado em que essa escrita toma espaço deveria jogar alguma luz no problema, mas talvez as coisas não sejam assim tão simples. Olhando em direção às instruções clássicas da comunicação, por exemplo, onde a letra é percebida e apreendida e então usada para ensinar, persuadir ou deleitar - admitida a figura do leitor como objetivo final da retórica - a discussão ganha ainda mais corpo. Nesse mesmo cenário, se é necessária a adequação de discurso ao veículo em que está inserido, os limites existem de forma bastante clara e dessa forma a ideia da simples transmissão de informações isentas e imparciais já é posta em xeque. E se as linhas da comunicação são tomadas como domínio da retórica, por mais simples que

comunicação são tomadas como domínio da retórica, por mais simples que possa parecer o conteúdo informado, sempre há de existir uma possibilidade de encaixar em uma destas três classificações aquilo que é escrito. Como já se sabe, o jornalismo informativo não leva a intenção primeira de entreter e nem a vocação de ensinar, então temos que levar em conta o que sobra: a persuasão.

Se o objetivo do reportado é demonstrar algo através de um ponto de vista, geralmente o da linha editorial, não seria nem um pouco estranha a ideia de que aquele que reporta queira convencer seu leitor. E se tomarmos como base o leitor mais moderno, aquele que lê muito mais do que palavras, o corpo já crescido da discussão fica pequeno pra tanto questionamento. Já não são só letras, palavras ou a retórica em si, mas sim todo o ambiente cultural, interesses políticos e sócio-econômicos que contam; isso sem falar em todo o poder de atuação da estética e dos signos tantos.

Sendo assim, parece estranho que o uso de adjetivos, ou que a posição da vírgula incomode mais do que outros tipos de posicionamentos e recortes. É dessa forma que o leitor acaba reconhecendo um pouco mais os seus atributos, que já não são mais os de simples receptor, podendo desconfiar do que é dito e visto. Podendo duvidar daquilo que se diz imparcial e isento, confrontando o que ele ouve e lê com tudo aquilo que vê e experiencia. Talvez estejamos num caminho tão novo quanto desconhecido de comunicação, com a pulverização e democratização dos veículos de transmissão, mas a capacidade de confundir deveria ser vista com olhos mais otimistas, pois é ela que vai deixar a revisão final nas mãos do leitor. E então a possibilidade de escolha poderá aparecer de forma mais consistente. Mais convincente, até, se assim preferir.

Remela de olho

Bianca Kirklewski

Você que se deu ao trabalho de começar a ler esse texto: saiba que tratarei de um assunto muito importante, mas pouco discutido em nossa sociedade. “Lá vem mais um daqueles amontoados de palavras demasiadamente bem selecionadas sobre problemas sociais, fome no Timor Leste, extinção da abelha selvagem da serra da Mantiqueira”, supôs o apressado leitor, um tanto triste por não estar com paciência para lidar com esse tipo de tema no momento (e nem nunca também, pra falar a verdade). Não, apressado leitor triste e impaciente. Como o título já bem adiantou de forma um tanto direta demais, hoje falarei sobre remela de olho.

Fiquei sabendo que a profissão que me vem sendo ensinada nesses últimos 532 dias de faculdade (cálculo verídico) não me reserva um futuro muito promissor. “Lá vem mais um daqueles amontoados de palavras demasiadamente bem selecionadas sobre a crise no jornalismo”, supõe novamente o entediado leitor. Não, entediado leitor. Deixe-me ao menos terminar meu raciocínio e pare de me interromper. Ou escreva você o texto, caramba. O futuro pouco promissor ao qual me refiro é o das noites mal dormidas. Seria o fim da minha remela de olho?

O conforto molhadinho no canto do olho é a prova viva de um bom descanso. Você acorda, e a primeira sensação que te religa ao seu corpo é perceber que o buraco da bolinha vermelha do canto do olho está mais cheio e molhado do que o normal. De forma automática, você leva sua mão em direção à face, com os dedos fura-bolo a postos, e num simples encostar, a remela adere à ponta dos dedos, grudada. E não é um grude grudento, é um grude agradável e fácil de ser removido. Tanto é que as remelas sempre somem antes de serem despejadas na água da torneira do banheiro ou no papel higiênico ou

(por que não mantermos a honestidade máxima, leitor?) na calça do pijama.

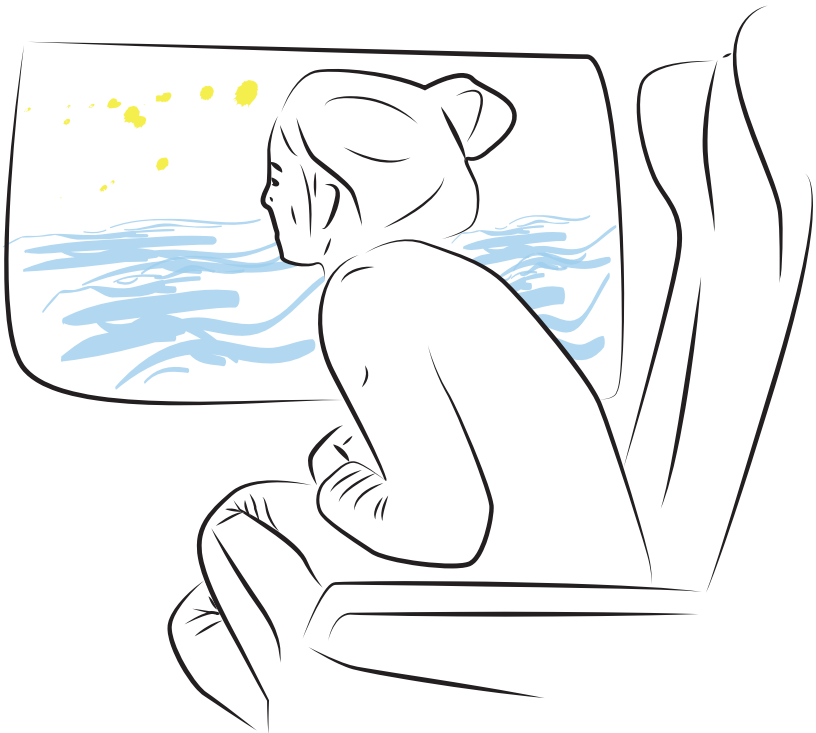
A produção de remela é um dos grandes mistérios da evolução. Do que elas poderiam ser formadas se elas surgem durante o sono, enquanto nossos olhos estão fechados, e dessa forma não permitindo a entrada de nenhum material externo? Minha teoria é a seguinte: a remela é gerada no útero dos olhos (cientificamente chamado de carúnculas lacrimais), a partir da união de sonhos e lágrimas. Ou seja, remelas são a representação pura e concreta de nossas vidas, uma junção de ilusão com realidade.

Como pode alguém querer abrir mão de sua remela de olho por causa de uma profissão? Como pode um corpo vivo deixar de produzir o cadeado que suavemente tranca nossas pálpebras enquanto viajamos? Talvez por isso o jornalismo esteja em crise. Faltam remelas nas carúnculas lacrimais de nossos comunicadores.

Nos caminhos da vida

“O trem apitou e ele demorou-se a vê-lo chegar. É uma emoção especial de quem mora longe, essa de ver chegar os meios de transporte que nos põem em comunicações com o resto do mundo. Há uma mescla de medo e de alegria. Ao mesmo tempo que se pensa em boas novas, pensam-se também más.”

Lima Barreto



Anunciação

Luiza Queiroz

Já passava das 11h da manhã quando o trem chegou à estação Santo Amaro. Dentro do vagão, ser contagiado pela monotia habitual da viagem para chegar ao trabalho acaba beirando o inevitável. Naquela manhã, a maioria dos poucos passageiros era composta por rostos sonolentos, e nenhum deles parecia prestar muita atenção à coisa alguma enquanto passavam pela Granja Julieta. Poucos olharam quando um homem ficou de pé e tirou, com o cuidado de quem desembulha um tesouro, um violão da capa preta que carregava nas costas.

Estação Morumbi. Ele ficou em silêncio para não precisar competir com a voz dos alto-falantes, que pedia aos passageiros para tomarem cuidado ao embarcar e desembarcar do trem. Esperou terminar. Agarrou seu violão e deu boa tarde a todos, meio falando, meio cantando em um espanhol que ele tentava aproximar do português. Era chileno, veja bem, e estava de passagem pelo Brasil. Gostava muito de música, e pensou que não faria mal adicionar uma canção à rotina tediosa das viagens de trem. Começou a tocar.

Estação Berrini. Começou a tocar, e a tocar música brasileira, para o espanto da maioria. Logo nas primeiras notas de Anunciação, conseguiu fazer o garoto parado perto da porta balançar discretamente os ombros. Fez a garota com a mochila tirar os fones de ouvido, fez a senhora de cabelos brancos levantar os olhos do livro em seu colo. Fez o vagão inteiro cantarolar baixinho, numa espécie de aplauso tímido.

Estação Vila Olímpia. Dessa vez, não parou por causa da vizinha do alto falante que anunciava o nome estação. Estava no meio do refrão, e teria sido um pecado perder o pequeno coro que se formava para cantar Alceu por causa de uma voz mecânica vinda de uma caixinha. O menino parado perto da porta já mexia um pouco mais o corpo, um dos mais empolgados da plateia.

A velhinha de cabelos brancos também balançava a cabeça, e a menina com a mochila continuava sem os fones.

Estação Cidade Jardim. Os passageiros do vagão começavam a parecer uma plateia em uníssono, mas o espetáculo foi interrompido quando outra voz, e essa não vinha do alto falante, começou a competir com a música descontraída do chileno. A outra voz era de um homem, informando que trazia para os passageiros balinhas de menta, e que aquele era produto de qualidade, produto confiável, e muito mais barato do que nas lojas. A música de Alceu continuava, sem tirar nem pôr em volume, mesmo competindo com a voz do alto falante e com a do vendedor. A disputa parecia incômoda, e o vagão parou de cantar enquanto o comerciante das balinhas caminhava a passos largos até o cantor chileno.

Estação Hebraica Rebouças. O vagão inteiro ficou parado naquele desconfortável momento que parecia anteceder uma briga, ou no mínimo uma discussão acalorada. Felizmente, a tensão foi embora sem sequer interromper a melodia, quando o vendedor apertou a mão do chileno como quem aperta a mão de um cúmplice. Passou por ele e continuou até o fim do vagão, onde continuou anunciando suas balinhas com os ouvidos imunes à música. O chileno também continuou, com seu violão imune à voz alta que tentava vender os doces de menta.

Na Pinheiros, ambos desceram. Antes de sair, porém, o chileno disse que ia caminhar pelo vagão, caso alguém quisesse doar algum trocado pela performance. Se pudessem – e quisessem – contribuir, ele agradecia. Senão, agradecia também, em especial a todos que cantaram junto, em voz alta ou só mentalmente. Arrecadou alguns trocados e saiu agarrado com o vilão, sem dúvida mais contente com a apresentação do que com o dinheiro no bolso.

O trem continuou, agora sem música nenhuma. O garoto parado perto da porta desceu na estação seguinte. Desceu tranquilo, sem dar atenção aos braços e pernas que entravam apressados no vagão. Mas ainda cantarolava baixinho o refrão de Alceu Valença quando saiu.

Em superlotação, quem morre é o medo

Victória DeSanti Serafim

Cinco e meia da tarde em um ônibus lotado que segue sentido bairro. Uma mochila nas costas pesada de alimentos e uma sacola nas mãos também cheia e também pesada. Volto sozinha para casa e espero que no ponto da estação de metrô as pessoas desçam e eu possa passar a catraca, meu ponto é o próximo. Passo, mas pessoas não descem. Um corredor inteiro de pessoas à minha frente, às cinco da tarde em São Paulo, voltando para casa como eu, cheia de sacolas.

Claustrofobia é mesmo uma coisa que não resiste mais que alguns meses em São Paulo. Ela morre sufocada em trens, metrôs e ônibus em horário de pico. Ela morre, enquanto a gente é obrigado a viver, senão perde o horário. Naquele momento o desespero de prisão dá lugar ao medo metropolitano de ter que voltar a pé sabe-se lá quantos pontos depois do meu. Uma mulher fala sincera ‘difícil você conseguir descer no próximo, viu moça’, mas abre espaço para eu passar.

Pedindo licença, de um em um, no curto intervalo de tempo entre um ponto e outro (ou uns trezentos metros na avenida), vou me aproximando da porta. Esbarrando as sacolas nas pessoas que se amontoam para dar passagem, abrir um mínimo espaço que seja naquele corredor estreito. Se jogam por cima das que estão sentadas, e estas aceitam numa atitude de empatia resignada por quem precisa, em desespero, descer no próximo ponto. Certamente todos ali já haviam passado por situação igual.

Existe um sentimento muito próprio das cidades sentido por claustrofóbicos em momentos de angústia cercados, entupidos de gente. Uma compaixão de quem partilha horas do dia com outros estranhos na mesma situação incômoda, mas rotineira. Esse sentimento tão humano afasta toda a hostilidade que um ambiente fechado pode causar. A indiferença é um porto seguro

quando o gatilho do desespero está tão próximo de ser ativado. Enquanto o tédio dominar o ambiente e os rostos não esboçarem qualquer reação que não seja puramente banal, tudo está em ordem.

O ônibus para.

Eu e mais quatro mulheres descemos.

Consegui.

O sentimento de alívio vem misturado com uma gratidão a cada um que se esforçou para avançar um centímetro que seja e me abrir espaço. A certeza de que as máquinas retangulares, fechadas e abarrotadas assustam, mas as pessoas não. Cada um segue mecanicamente a sua vida caminhando para o próximo dia sem qualquer intenção de fazer alguém perder o seu ponto ou ficar preso.

Para superar uma fobia é preciso confiança e, ironicamente, foi nas multidões que eu encontrei. Nessas que passam todos os dias por situações que seriam pesadelos para quem não suporta lugares fechados, mas estão de tal forma acostumadas que não se afetam. E, sem perceber, encorajam os outros a seguir da mesma maneira, tão mecânica mas tão bonita, e tão cheia de vida quanto cheia de gente. Abarrotada.

Um convite para o mundo Uber

Giovanna Wolf Tadini

Como interiorana recente habitante da capital, tenho medo de inovar no transporte urbano. Por isso gosto muito de metrô: linhas retas, coloridas, didáticas e bem conectadas por estações. Bem básico: se eu me perder, consigo voltar facilmente. O ônibus já é mais arriscado, posso parar em um lugar desconhecido, em uma rua deserta. Vai que.

Com essa insegurança me rondando, escutei várias vezes os elogios que meus amigos faziam ao Uber, “não paguei nada”, “paguei seis reais”, “ganhei água”. E, logo depois, vinha o meu medo, “é registrado?”, “eles têm acesso ao meu cartão de crédito?”, “mas não é clandestino?”. Demorei pra me render.

Em uma terça-feira, passei a noite tossindo sem parar em uma palestra na faculdade e tive até que sair do auditório porque percebi que estava atrapalhando o resto do público e a transmissão ao vivo via internet. Tudo o que eu queria era ir para casa, rápido, e descansar. Enquanto andava inquieta em direção ao ponto de ônibus, espirrando mel com própolis na garganta freneticamente, encontro meu amigo:

— Miga, o circular não vai passar, tem uma manifestação dos taxistas contra o Uber bloqueando a Vital Brasil, e ele está parado no terminal.

Naquele dia, o prefeito Haddad tinha autorizado, por decreto, o Uber em São Paulo. Taxistas estavam revoltados. Motoristas de Uber deveriam estar festejando. E eu só queria ir pra casa, rápido, de forma barata. Foi quando um outro amigo me explicou um esquema como “convide amigos e pague menos” do Uber, em que, se eu baixasse o aplicativo no meu celular e colocasse um código do meu amigo, eu e ele ganhávamos 20 reais grátis de corrida. Era a minha ida rápida e barata para casa.

Pedi o Uber e em menos de três minutos estava no carro. A água era real e ainda ganhei balas. Ah, e também tinha a opção de escolher a rádio. Deu

vontade de tirar os sapatos. No caminho de desvio, teve um momento em que vimos a manifestação de longe — já o buzinaço ouvimos como se estivessemos bem perto — , e eu já estava a duas quadras da minha casa, sem ter pagado nada pelo transporte. Quase dei um tchauzinho para os taxistas da janela do Uber.

Na espera do próximo ônibus

Marcella Sales Vieira

O casal de amigos sai da faculdade tarde e já estão atrasados para pegar o ônibus para casa, quando estão perto do ponto eles veem o ônibus se aproximando e começam a correr para pegá-lo, porém algo acontece, a menina deixa os livros caírem no chão e é obrigada a parar a corrida para recolhê-los, enquanto o motorista os observa e fecha a porta. Cerca de 20 minutos depois de esperarem o próximo, já cansados, eles percebem que talvez não seja uma noite tão ruim, porque logo que entram no ônibus conseguem sentar juntos em um lugar bem atrás do motorista, ao lado da porta. Já está tarde, então o celular da garota começa a tocar:

- Filha, aonde você está? Fiquei preocupada.

- Eu sei mãe, estou a caminho de casa, é que perdemos o primeiro ônibus porque eu derrubei meus livros.

- Nossa filha, já cansei de falar pra você prestar atenção. Vou ficar te esperando. Tome cuidado.

Quando a garota está desligando o celular, o motorista que também quer chegar o quanto antes em casa, faz uma curva fechada em alta velocidade e o celular cai no chão, até então é algo normal para aquele sobrevivente de grandes quedas, porém com a curva ele ultrapassa o vão que tem embaixo da porta e cai na rua. A menina chocada com a situação grita:

- Motorista, para o ônibus! Meu celular caiu na rua.

O motorista mais por susto do que por compreensão, para, abre a porta e deixa o casal no meio da rua, continuando seu percurso.

Depois de alguns metros a garota encontra o celular todo destruído na sarjeta da rua e no desespero começa a apertar todos os botões e descobre que ainda estava funcionando. E, assim da mesma forma que aquele surpreso motorista continua seu trajeto até o próximo ponto, a menina desastrada e aliviada segue com a sua vida esperando o próximo ônibus.

Viagens de metrô

André Barbosa

Observo, através da janela, o centro de São Paulo se aproximando enquanto o trem percorre a curta distância entre as estações Brás e Pedro II da Linha 3-Vermelha do metrô. É sempre o mesmo de todos os dias. Geralmente é. Mas hoje o trem desacelera, e no lugar das usuais tonalidades de cinza da estação Pedro II, meus olhos se fixam em outro par de olhos. Olhos carregados de diversas tonalidades de verde.

As portas se abrem e o par de olhos esverdeados param no outro lado do vagão. Eles desviam, encabulados, por um momento, mas logo se fixam novamente nos meus. Um sorriso. As portas se fecham.

Tenho vontade de levantar, cruzar o vagão, e pedir um número de telefone, ou o nome no Facebook.

Mando um mensagem e marcamos de nos encontrar na sexta-feira seguinte na estação Consolação. Andando pela Paulista descobrimos gostos em comum. Passando pela esquina onde o Elvis se apresenta, sorrimos ao constatar que ele aprendeu um novo passo. Em frente ao Conjunto Nacional, duas meninas cantam músicas dos Beatles, o sinal para os pedestres fica verde e atravessamos a avenida. Na esquina com a Augusta, um senhor com uma sanfona toca Luiz Gonzaga, cantarolamos junto enquanto entramos na rua e descemos rumo ao centro. Paramos em um bar qualquer. Já sentados à mesa, pedimos um litrão.

Litros depois, os verdes olhos já se revelaram bastante. Trabalham com fotografia. Eu, jornalista, revelo meus planos de viajar o mundo. Os olhos se entusiasmam.

Já namoramos há algum tempo quando decidimos viajar juntos, e viajamos muito. Alguns anos de viagem já se passaram quando o avião pousa em Israel. Atravessamos para o território palestino, eu com bloquinho e gravador em mãos, os verdes olhos atrás da câmera.

Nossos livros são um sucesso, recheados de relatos e fotografias que já até ganharam alguns prêmios. Mas chega o momento em que já conhecemos muito do mundo e queremos parar em algum lugar. Nos casamos em uma praia na Indonésia. Compramos uma casa em uma cidade pequena, e eu passo a trabalhar no jornal local.

Um dia, nossos filhos vêm nos perguntar como nos conhecemos. Eu já tinha decorado aquela história, e provavelmente floreado um pouco. Coloco as crianças em meu colo e começo a contar: “através das janelas de um trem lotado, eu admirava a bela cidade onde nasci...”

Paro. Um sinal sonoro chama a minha atenção. “Próxima estação: Sé. Acesso à Linha 1-Azul do metrô”, eu ouço a exageradamente feliz voz feminina dizer.

Nossos olhares se tocam quando cruzam o vagão uma última vez. Uma massa de homens e mulheres começa a se mover quando as portas do vagão se abrem. Uns entram, outros saem, meus olhos se perdem dos tons de verde daqueles olhos e não os encontram mais.

As portas se fecham. O trem adentra a escuridão dos túneis entre Sé e Anhangabaú. E eu, não pela primeira vez, experimento o sadismo daquela voz alegre que anuncia a chegada ao caos destruidor de sonhos da Sé como quem anuncia a chegada ao Paraíso.

Ponto

Victor Matioli

Uma sequência de pontos alinhados forma uma reta, uma linha. Daí as linhas de ônibus? Por conta da sucessão de pontos? Sei lá, tanto faz, eu tô sozinho nesse ponto escuro e essa filosofia é barata demais para durar. De novo eu bebi demais, gastei demais, e já são mais de 3. E eu nem sei se meu busão passa essa hora, mas deve passar, tem que passar.

O Jimmy Page tá acabando o solo de *Stairway to Heaven* no meu ouvido, então já estou uns 6 minutos *Stairway* adentro, mais *Black Dog*, *Dazed and Confused* e *Since I've Been Loving You...* Já tô aqui faz uns 20 minutos no mínimo e tô vendo que esse busão não vai passar.

Acho que dá pra pegar o outro, o azul, do lado de lá. Mas se eu for pra lá esperar o azul posso perder o laranja que passa aqui e me leva direto pra casa. E é de graça. O azul dá uma puta volta e tem que pagar. Mas, também, é um e noventa. Melhor pagar um e noventa que ficar a noite inteira aqui. Mas andar do terminal até minha casa é puxado demais. E perigoso demais.

E aí, vou ou não vou? 35 já. E nem táxi passa por aqui. E eu com essa vontade absurda de mijar. Será que se eu ficar ali no meio eu consigo pegar qualquer um dos dois? Fico olhando pros dois lados e corro quando um estiver vindo. Mas acho que não dá tempo, acho que não vale à pena. Devia ter pegado outra blusa, sabia que ia esfriar, mas de manhã tava aquele puta sol, não dava pra imaginar...

45 cara, não é possível! E nem o azul passou! Não vou conseguir acordar amanhã de jeito nenhum... O pior é que não posso faltar no trabalho amanhã, não agora que a Letícia entrou de férias. Belo timing. Devia ter trazido minha bicicleta de Taubaté, ia ter muito mais liberdade. Devia mesmo ter nascido burguês, estaria de carro agora, sofrer sentado num banco de couro é bem mais fácil que nesse banco de concreto. O que custa colocar um encosto nessa merda?

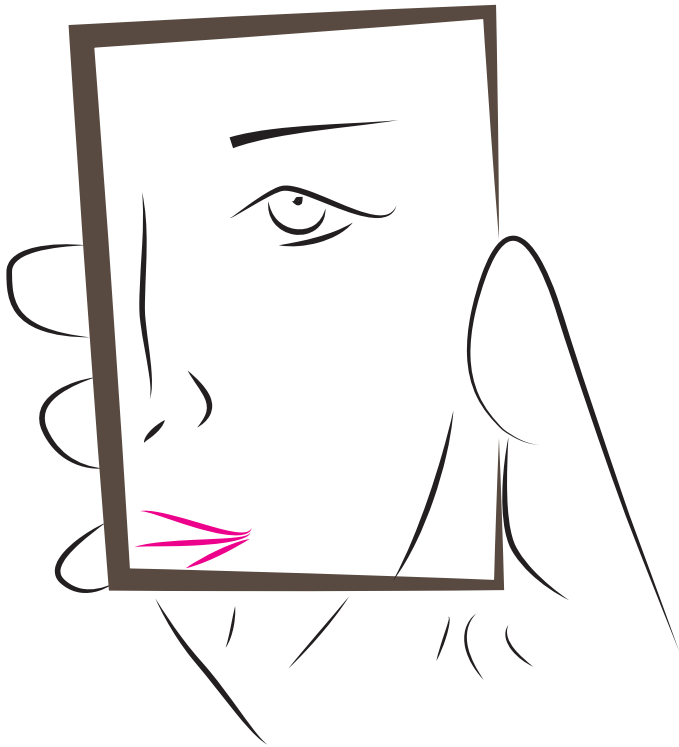
Olha um farol ali. Acho que é o azul, to achando que é o azul. É o azul mesmo! Será que eu corro? Não vai dar tempo. Vou correr. Mas olha a velocidade do desgraçado. Não vai dar tempo. Já era.

Se o laranja não passar em dez minutos eu volto, durmo aqui mesmo. *Hey You, Marooned* e *The Great Gig In The Sky*. Depois disso eu volto.

Olho no olho com o dia-a-dia

“Vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal.”

Machado de Assis



Para quê ser paulistano

Leonardo Mastelini

Aviei meus passos e arrastei comigo quatro malas de mão, sem rodinhas, para fora do ônibus que me aguentara por 600 quilômetros. Chegar em São Paulo, pela primeira vez e sem companhia, teria sido melhor se eu não tivesse a responsabilidade de cruzar a cidade carregando 20 ou 30 quilos de bagagem, entre roupas, cobertores e saudade. Da Barra Funda à Saúde, uma Junqueirópolis martelando minhas têmperas e mostrando que eu não estava preparado para a cidade grande.

Naquele dia, confundia facilmente a friagem da madrugada com os calafrios do medo. Ora, dirão os entendidos, passou na USP, tem que encarar. Mantive a pose de paulistano nato — porque não pode demonstrar que está perdido, se não te enganam — e puxei os malões pelo piso. Foi assim que, com certo receio, emboquei na primeira escada rolante que vi e dei adeus à plataforma 11 do terminal rodoviário.

Se minha mãe tivesse perguntado por telefone, horas depois, como foi minha chegada, teria dito que vivi uma vida no cruzamento do interminável-Terminal-Barra-Funda. No primeiro contato com a capital, não é fácil lidar com um local que borbulha pessoas, do chão, das paredes, do infinito, e te leva no fluxo sem ter a certeza de que está no caminho certo. Mas, hoje sei: se existe alguém que sai de uma cidade de 19 mil habitantes, esse alguém deve passar pela estação do Palmeiras.

Foi ao atravessar o salão em direção ao metrô que eu ouvi um grito. “Ajuda minha mãe!”, berrou uma moça, do alto de uma escada rolante. Subindo em direção a ela, uma senhora, deitada de bruços sobre os degraus, cercada de sacolas. Observei a cena espantado. O desespero não foi lançado a ninguém especificamente — apenas a quem quisesse ouvir —, mas não há junqueiro-polense que não ajude.

Foi a partir daí, então, que definitivamente deixei minha terra. Nos tropeços das malas e no ímpeto de correr para ajudar a senhorinha arrastada pelas escadas, dei uma última olhada ao redor. As pessoas continuavam a caminhar, com um ar de curiosidade (mais apático que solidário). Nenhuma delas se moveu para acudir. Nem eu. Se o paulistano não tinha movido um dedo naquela ocasião, é porque motivo tinha. Quem era eu para discordar.

“Não dê dinheiro para estranhos, é para comprar cachaça”; “não dê informações na rua, podem te assaltar”; “não ande devagar, vai estar vacilando”. Quem era eu para discordar dos conselhos sobre a capital.

Paulistano é assim mesmo, e eu logo aprendi, antes mesmo de embarcar na Linha Vermelha. Nos poucos minutos que me restaram na Barra Funda após o incidente, topei com dezenas de pessoas, e nenhuma delas me olhou. Não olharam para o pedinte, para o idoso sem banco disponível para sentar, nem para a equipe de limpeza que se esforçava para lustrar o chão em que jogavam o chiclete. Que baita de uns conselhos.

Enquanto as portas do metrô se fechavam comigo — e os passageiros ao redor reclamavam do meu volume de malas —, decidi. Para quê ser paulistano se eu posso trazer Junqueirópolis comigo?

Coisa de menina

Larissa Lopes

Desde que a humanidade foi dividida de acordo com a genitália, nada conseguiu fugir da classificação por gênero. Nascida nos últimos segundos do calendário cósmico e, com certeza, com Marte em Virgem, a humanidade se deu o trabalho de organizar tudo em duas caixas: a de coisas de menino e a de coisas de menina. Nem mesmo as frequências de onda cientificamente inexistentes do cor-de-rosa escaparam dessa catalogação e acabaram conhecendo um pouco dos dois mundos ao longo dos anos. Roupas, profissões, filmes, gêneros literários e outras cores foram distribuídos entre as duas caixas, dependendo do seu formato e conteúdo. Alguém, um dia, achou muito razoável que a vaidade, a fragilidade e as tarefas do lar e da família fossem representações do feminino. A moda pegou. Força, ferramentas e raciocínio lógico, em contrapartida, não poderiam deixar de ser características da masculinidade. Boa parte da humanidade concordou com a divisão e seguiu criando mecanismos para reproduzir esse sistema tão eficaz, capaz de classificar qualquer forma de existência, de pessoas à cores, em duas forças opostas e fixas. Redutíveis, premonitórias e compulsórias.

Os livros de história podem não citar muito esse sistema, mas você pode verificar na sua própria trajetória que o conhece muito bem e há muito tempo. Lembre dos seus brinquedos. Separados na loja. Meninas de um lado, meninos do outro. Panelas rosas versus carros velozes. Bebês falantes versus bonecos de ação.

Visivelmente um lado saiu em desvantagem e algumas pessoas não gostaram da embalagem que lhes foi dada. Não combinava com o seu conteúdo.

Outras perceberam que, afinal, a representatividade é mais rentável e, então, começaram a moldar figuras inspiradas em pessoas, e não o contrário. Assim têm surgido os novos arquétipos, ídolos e heróis contemporâneos.

Rey, a nova protagonista de Guerra nas Estrelas, é um exemplo deles. As pessoas perceberam que quando as coisas estão fora das suas caixas o universo ganha o dobro de jedis.

Sucessora da Força que levou bilhões de dólares aos caixas dos cinemas, Rey coleta ferro-velho para sobreviver no desértico planeta de Jakku, após ser abandonada por sua família. É chamada para a aventura com robôs, contrabandistas e seres de outras galáxias. Derrota o vilão em uma cena épica, que será vista como um clássico da sétima arte pelas próximas gerações. Termina sua jornada de heroína reencontrando o antigo protagonista desaparecido, Luke Skywalker. O pacote completo de uma grande personagem.

Ainda sim, dizem que Rey é uma farsa, que nunca conseguiria realizar um quarto do que conquistou. Pessoas que gostam de caixas, com Marte em Virgem, é claro. Que vestem a camisa para defender heróis órfãos que lutam de igual para igual contra deuses e alienígenas apenas com o auxílio de apetrechos que cabem num cinto. É claro. Mas não uma garota. Na caixa da Força, não está ela. Jamais.

Por isso, Rey não surgiu na loja de brinquedos como surgiu no cinema. Não se encontra na seção de meninas, porque é guerreira, nem na de meninos, porque é menina. Não há espaço nas prateleiras para Rey, porque não há embalagem que a preceda. Não há caixa para a existência além do esteriótipo. E isso é Força. Girl Power.

Azul como a grama

Natalie Majolo

aquilo não poderia estar acontecendo. 60 nas costas, e cadê o seu direito? velho, cansado. sabe como é, velho só quer descansar, né. agora suas esperanças e seu coração bichado estavam em frangalhos. disseram que a presidente ia ajudar. passaram na frente, e aquele erro que dita a boa vida, de cara: mais 14 anos de contribuição. ignoraram seu trabalho, e agora o trabalhador honesto sentia que não tinha mais direito a nada.

embaçados os azulados olhos, procura entender o erro na carteira de trabalho. duas, na verdade. é muito trabalho pra pouca carteira. não dá tempo, seu José, já estão te chamando lá no portão. guardou a dor no coração que estava cheio de cócegas.

seu José o senhor poderia,
onde é que erraram,
pegar a escada,
tenho que fazer umas contas,
e podar aquela,
que porra é essa de INSS,
árvore ali?

pega a escada, põe, sobe. devagarzinho, sabe como é, a gente pode cair, né. não caiu da escada, nem caiu cisco no olho. caiu no limbo de lembranças com cabelo, de palmatória na mão. professor, não entendi. não entendeu porque é burro, né. dá a mão. xablaui! metade da mão do menino, que era metade da sua, arde na cor de menina bonita dentro do salão. tava preocupado. sabe como é, né, geada tinha caído e matou todo o fumo.

todo dia antes de dar a aula, seguia de chinelo nas terras vermelhas, adentrava nas capoeiras. catava pinhão. mas pisava no cogumelo, ele mata, sabe como é. só não podia pisar muito forte, o prego do chinelo machucava,

às vezes. na volta, lavava os pés, pegava o medo dos alunos e o colocava no bolso.

casou, saiu da roça vermelha, e bicho do mato brotou na cidade. não dava mais pra plantar, mas dava pra cuidar das plantas dos outros. a mulher embaixo do sol, ajudava. sabe como é, coração bichado mata quando faz demais. um, dois, três filhos. mulher se dava pra casa, pros filhos, pro marido. mas marido que é marido não acha que isso é trabalhar, então tem que cuidar da casa, dos filhos e do marido dos outros, também. temos que voltar pra terra vermelha, catar pinhão no quintal. aqui não cai geada na grama.

e trinta anos cuidando de plantas se passaram como trinta dias de palma-tória. o vermelho se espalhou pelo corpo, mas não era que nem de moça que tanto dançou vaneira. era de dor, era de sol. seu josé, usa protetor. pra que, né? ficar tudo melado? cê num sabe como é trabalhar melado.

desceu da escada, olhou as carteiras. filhos da puta, num contaram a carteira nova... agora tem que esperar mais pra descansar, né. mais uma ida à cidade, um novo pedido. senhor josé, o senhor terá de esperar mais dois meses até a resposta do INSS. dois meses pra descansar, pra voltar pra terra. as cócegas aumentaram: coração bichado doeu mais que dor de sol. doeu mais que dor de amor. isso era dor de abandono. e caiu sem a dor do socorro.

curaram o coração bichado, disseram. sem cócegas no peito, pensa que deve ter ainda 14 anos pela frente. disseram ter 20. mas vai ser bom. ainda vai descansar, e a carta vai chegar. um dia chega o dia de descansar. voltar pra terra vermelha, esperar a geada cair. sabe como é, a grama fica tudo azulzinha depois que cai a geada, né.

Astyanax fasciatus mexicanus

Karolina Mello

Certa vez fui à uma palestra na Escola de Comunicação da Universidade de São Paulo. O palestrante, jornalista, discutia sobre uma grande matéria que fez para um dos jornais da cidade. A matéria abordava a crise hídrica em 2001 e como ela afetou trabalhadores que dependiam do Rio São Francisco para seu sustento.

Entre as histórias, uma chamou minha particular atenção. Era sobre o tal de “seu Eulálio”. O “seu Eulálio” era baiano, pai de família. Desde cedo, imerso no universo do trabalho, buscava alternativas para se sustentar. Visto que morava no município de Xique-xique na Bahia, logo percebeu algo que poderia dar-lhe retorno: comerciante de peixes.

Ainda com aquele amarelo-alaranjado manchado pintado no céu, o homem já estava de pé. Acordava cedo, precisava fazer seu negócio andar. Mas sua rotina não contava com uma coisa: os peixes sumiram. “Cadê? Aqui não tem peixe mais não”. Opa! “Seu Eulálio” não podia mais pescar. Então alguém teve uma ideia: “Vamos começar a importar peixes da Argentina!”. E todo mundo começou a importar peixes da Argentina.

Mas existiam algumas coisas que os pescadores não sabiam. Será que sabiam? O rio começou a adoecer, porque lá na nascente mineira e durante todo o percurso, estava recebendo esgoto sem tratamento. Além disso, a construção das usinas não levava em consideração o percurso que os peixes fazem para se reproduzir. E foi aí que complicou.

Uma coisa interessante que aconteceu desde que ouvi essa história é que não paro de conhecer pescadores. Vejo-os de todos os tipos. A “sinhá Maria, o seu Rodrigo, a sinhá Ana Gonçalves, o seu Fagundes, a sinhá Cris”. De paletó ou normalmente vestidos, sozinhos ou em grupo, com celulares na mão ou livros comunistas, nos carros ou a pé ou nos ônibus ou mesmo no metrô...

sempre organizados. Quando chegam os dúbios eles pegam os folhetos e têm microfones na mão. Os que não têm usam o dedo e com um click disseminam o comércio pelas fibras óticas. Ótica?

A partir daí negociar fica facinho, facinho, porque todo mundo compra os peixes deles. “Eu também vou.” Só se esqueceram de dizer que é sem nota fiscal e sem devolução. Ninguém informa. E os consumidores não se importam não. Quando dão sorte realmente compraram robalo, mas a maioria das vezes vem sardinha. Já ouvi dizer que compraram até escamas. Foi engano. Deixa para lá. O que importa é comprar.

A sede pelo poder vai devorando os pescadores. A gente convencida leva as ideias. Haviam comprado, compraram, compram, comprarão. Mas é melhor que não investiguem a procedência a fundo, porque os peixes vieram de todos os lados: da Argentina, da câmara, de Brasília, de São Paulo, da avenida Professor Luciano Gualberto, de grupos de esquerda radicais, ou de outros ditadores vestidinhos de democratas com um lacinho na cabeça.

Pena que cada um não pesca no seu quintal. Água aqui não falta e nem camarão. Mas é mais fácil comprar do “seu Macunaíma”. Aprender a pescar dá muito trabalho, tem que adquirir a vara, físgar a isca, preparar o anzol, e ainda por cima trabalhar, pensar, criticar. Ah não! Que preguiça! É mais fácil deixar nas mãos de quem já aprendeu.

Agora tem gente passando mal... É que comeram peixe estragado.

Esquecidas pela sorte

Vinicius Bernardes

Hoje ela voltou mais tarde para casa. Ao menos, um pouco mais quando comparado aos outros dias. Estava atarefada; ia de carro em carro oferecendo seus serviços. Andava desajeitada no salto alto. Um sorriso forçado no rosto e uma vontade enorme de não estar ali.

A luta diária pelo prato de comida falava mais alto. A necessidade a obrigava. Aquela não parecia ser uma alternativa, representava, porém, sua única opção para sobreviver. Naquele momento ainda agradecia. Era tempo de "vacas gordas", Maceió estava lotada.

Lembro-me de ter lido, em algum jornal, que Alagoas era uma das regiões com o maior número de casos de prostituição do país. Ao menos, era uma das que apresentava os índices mais alarmantes. Em minha primeira viagem para lá o problema parecia ser menor. Dessa vez, a aparente alegria da semana de carnaval ampliava a agitação do ambiente.

"Todo Fevereiro é assim: bastante movimentado", disse a recepcionista, ao me ver observar o triste quadro pela janela do hotel. A rua estava cheia. Moças dos mais variados tipos: novas, maduras, gordas e magras espalhavam-se pela estreita avenida. A cidade recebia turistas e aquela era uma das formas de se fazer dinheiro no local.

Em vestidos curtos, batons vermelhos e maquiagens exageradas, elas chamavam a atenção de quem passava. Uns abaixavam a cabeça, outros fingiam não ver; os mais atrevidos até arriscavam um olhar, mas ainda assim se conservavam temerosos de uma possível aversão por parte delas.

Dentre todas, uma em especial chamava a minha atenção. Cansada, a triste face da moça parecia buscar consolo nas poucas notas que carregava. Desceu do carro em que estava, como deveria ser de seu costume - apressada e sem cerimônias. Parecia não querer que ninguém a visse. Agradeceu a carona do cliente. Trocou mais algumas palavras e se despediu.

Era uma noite estrelada, daquelas que todo bom alagoano gosta. Noite boa para o rala-bucho, como costumam falar por lá. Ela, ao contrário, se mostrava neutra a isso; desligada. A beleza do local parecia não fazer sentido em meio a tanta miséria e desgraça. Acendia um cigarro; buscava esquecer as últimas horas que vivera. Devia estar a se lembrar dos filhos, marido, ou quem sabe, de um afago de amor. Talvez se lembrasse de alguém que estivesse a sua espera naquele instante; o mesmo alguém que, possivelmente, nem soubesse ao que ela se sujeitava para se manterem.

Seus olhos transmitiam uma estranha sensação de desespero. Um olhar fundo, preocupado com os problemas e incerto em relação ao futuro. A brisa forte e o barulho das ondas contrastavam com a cena. Angustiava-me frente a janela.

Era certo um local tão rico ser ao mesmo tempo tão pobre? Como era possível uma região de tanta beleza natural também ser palco de tamanha miséria? Queria entender o que se passava, como uma criança a compreender a morte de um ente querido - com um final feliz, em que a esperança pela vinda de um lugar melhor se fizesse mais viva. Pena ser essa uma doce ilusão.

É difícil acreditar que na terra das praias, do coco e do manguezal situações como essa sejam tão frequentes. Brasileiros e brasileiras anônimos ou esquecidos pela sorte a sobreviverem em uma das mais antigas atividades humanas. Abandonados à margem da própria condição, aguardando dias melhores. Lembro-me que, durante minha primeira viagem, um alagoano me disse uma vez que lá as mães ensinavam as crianças fazerem pedidos às estrelas do céu e a esperarem por dias melhores. Talvez essa moça ainda estivesse a aguardar a chegada dos seus.

A recepcionista do hotel interrompia meus pensamentos, fazia sinal para que fechasse a cortina da janela. Refletia. Tantas cortinas se fecham todos os dias para àquelas pessoas. Valeria a pena fechar mais uma?

Uma lágrima tentava escorrer pelo rosto da jovem moça. Resistia. Parecia não querer demonstrar fraqueza. Dava uma última tragada e atirava a “bituca” de cigarro ao chão. Mais um cliente a chamava. Voltaria, hoje, mais tarde para casa. Precisava sobreviver, enquanto a sorte a mantivesse como tantos outros brasileiros - esquecida.

Depoimento dos sem voz

Rebeca Silva Santana

Os contemporâneos da década de 90 poderiam achar que se trata de um déjà vu, no entanto, não o é. Sim, mais uma vez, em menos de 30 anos, nós, o povo brasileiro, assistimos a um impeachment de um presidente da república - agora mulher. Que se dê o devido destaque a esse verbo camarada nosso: assistir. Nós o usamos para falar de futebol, filmes e, por que não do impedimento do nosso representante do poder executivo?

Porque política é coisa séria. Tão séria que talvez devêssemos deixá-la a cargo dos homens de terno. Eles são bem entendidos, falam de Deus, reverenciam suas famílias, ora, são pessoas de bem! Quanto a nós, contanto que tenhamos um jornal nas mãos ou uma TV nos olhos, podemos ganhar de brinde uma palavra – no mínimo, diferente – no nosso vocabulário, além de um assunto interessante para falar no ponto de ônibus.

Além disso, não há o que fazer. Na verdade, pode-se ir às ruas. Contanto que se obedeça a um limite e um horário, podemos esbravejar o que quisermos. Depois, só esperando a hora de votar. Mas não agora, porque é a hora deles. Por enquanto, a gente senta e espera.

Entre arte e guerra

Alexandre Bianquini do Amaral

1516. Foi o ano em que uma das maiores mentes da história da humanidade deixou sua pátria pela última vez. Seu patrão havia acabado de morrer em fevereiro daquele mesmo ano, e Leonardo Da Vinci se viu na necessidade de procurar um trabalho novo. A Itália estava exacerbada com outros artistas como Michelangelo e Raphael, e, segundo rumores de época, Leonardo não tinha muitas esperanças de ser devidamente apreciado por nenhum patrão italiano.

Já com mais de 60 anos e com um braço paralisado, esse fato seria até compreensível se acontecesse com nós, meros mortais, mas ficamos pasmos ao pensar que isso poderia ocorrer com um homem do porte de Da Vinci. O fato é que Leonardo reuniu todos seus pertences, incluindo a Mona Lisa, e partiu para a França a convite de Francisco I, sabendo que nunca mais retornaria à sua casa.

A relação de Leonardo com seu trabalho sempre foi vista por muitos como algo criativo, pacífico e artístico – seu modo de pensar nunca chegou a ser moldado por academias – contudo há outra perspectiva que muitos desconhecem. Nos primeiros anos da década de 1480, antes de pintar os quadros mundialmente famosos pelos quais é conhecido hoje, Leonardo procurou emprego na corte de Ludovico Sforza, então governante de Milão. Sabendo que Sforza estava à procura de engenheiros militares, Da Vinci destacou seus inúmeros talentos no campo da engenharia em uma carta ao governante. Nela estavam listados dez itens que ele seria capaz de realizar.

Entre eles, estariam os feitos “1. Tenho projetos de pontes portáteis, muito leves e resistentes, para perseguir e escorraçar o inimigo, bem como de outras, tão robustas que nem o fogo nem a batalha conseguiriam destruir... 4. Tenho ainda vários tipos de canhão, muito práticos e portáteis... e a fumaça

do canhão infundirá pavor no inimigo por causa do grave dano e da grande confusão... 6. Também construirei veículos cobertos, seguros e inexpugnáveis, que penetrarão no campo e na artilharia do inimigo...” E quase no fim da carta, quase que como uma observação, Da Vinci tem a coragem de dizer “No tocante à pintura, posso fazer qualquer coisa tão bem quanto qualquer outro, seja quem for”.

Tão bem como qualquer outro. Isso soa praticamente como um insulto à nossa capacidade de apreciar arte. O que incomoda no trecho não é apenas a modéstia de Leonardo, mas também o fato de que ele valoriza o seu lado de engenheiro de guerra sobre o de criador de arte. Não podemos nos esquecer de que a carta se refere a um Leonardo mais jovem, mas o quanto desse Leonardo restou no homem que deixou sua pátria há 400 anos é algo que nunca saberemos. Será que o mesmo Da Vinci continuava se sentindo pouco apreciado entre os seus, a ponto de partir?

Se em tão grande inventor e artista havia dúvidas à consideração que recebia durante o renascimento, 400 anos depois, em uma era tecnocrata que parece suprimir as características autênticas de cada indivíduo, estamos todos perdidos. A radicalização ocorre em todos os sentidos. Seja no embate entre fé e ciência, ética e política, nenhuma de nossas bases está sobre pedra.

Estamos entre arte e guerra. Apontamos dedos para o “inimigo”. Tentamos infundir pavor com nossos canhões. É isso que acontece quando não nos sentimos entre os nossos. Infelizmente, não temos mais diferentes pátrias ou padrões para procurar, e devemos tomar cuidado para que a fumaça não entre por debaixo de nossas portas porque jogamos as bombas muito perto.

Não há sentido em entrar em guerra sem ter arte pela qual lutar. Da mesma forma, não há sentido em se preocupar em arte sem ter meios de assegurá-la. Leonardo sabia disso, e buscou encontrar o equilíbrio que considerou ideal durante sua vida. Um dos segredos é saber discernir quando lutar não é necessário. Discernir como podemos nos sentir apreciados e apreciar. E, finalmente, quanto aos inimigos, que aprendamos a compreendê-los “tão bem quanto qualquer outro, seja quem for”.

Toda forma de se referir a Leonardo é falha. Artista, inventor, engenheiro, estudioso da anatomia humana, todas elas não conseguem capturar a essência de quem ele foi. Limite-me a dizer seu nome para tentar contemplar a pessoa

que foi, mas saber por qual, ou quais, dessas características ele é lembrado por quem ouve vai além de minha alçada. Contento-me em perguntar por quais delas ele deveria ser lembrado. Em qual mistura entre arte e guerra.

Mãe e solteira

Bianka Vieira

Para uma paulistana acostumada ao frenesi de estar sempre em cima da hora, uma sala de espera proporciona, mais do que o obséquio do tempo perdido, uma sessão terapêutica que sequer requiere grandes estresses com o convênio médico. Despida de qualquer orientação freudiana, nossa mente veleja oscilante entre tempos, espaços e sensações diferentes: uma preocupação com a ração do gato, com algum novo amor, sobre a fatura que está para vencer ou por uma ferida ainda exposta que, por algum gatilho qualquer, volta sem pedir licença.

Assim começa a terapia desta quinta-feira. Voltemos vinte e poucos invernos passados.

Primeiro vieram as mensagens trocadas com o número desconhecido — “não há de ser nada”, ela disse. Na semana seguinte, feito cúmplices de um crime perfeito, lá estávamos nós duas a espreitar os SMSs que não paravam de chegar. “Onde nos encontramos hoje?”, “adorei te ver”, “a noite passada não sai da minha cabeça” e... Opa, esse não era adequado para a minha idade.

Mamãe nunca foi mulher de se satisfazer com quem é alheio à sua lealdade e não se faz presente. Os calos em suas mãos e os sulcos em sua pele são de gente bem vivida, como se por reflexo de quem aprendeu a se dar valor e já não se ilude mais. Assim, alguns pratos estilhaçados e mais uns dias depois, lá estávamos nós, de mala e cuia, pra fora de casa e sem um puto no bolso.

Ao contrário do que era de se imaginar, a maior mudança não estava em nossa nova casa de apenas três cômodos ou em sua aliança de ouro barato que em seus dedos deixou apenas a marca de um anel que não lhe cabia mais; a mudança estava nela. Como se tivessem abduzido a minha mãe e colocado um extraterrestre em seu lugar para me pajar, ao se livrar do sobrenome do dito cujo toda a sua identidade, habilidade, feitos, acertos e tropeços foram reduzidos à infame alcunha de “mãe solteira”.

Semanticamente, o termo nunca valeu de muito sentido para mim. Ora bolas, mãe é mãe independentemente se há certidão de casamento, não? Nenhum colega de escola chamava a sua mãe de “mãe casada”. Mãe é mãe e pronto.

Enquanto eu resistia às inconveniências do mau Português, mamãe seguia contra a corrente do conservadorismo exalado por aquela vizinhança careta que vivia a meter bedelho em nossas vidas. Se para mim os problemas resumiam-se em agora ter que dividir o quarto e não poder sair para tomar sorvete por ter que cuidar de meu irmão mais novo, para ela a barra era claramente mais pesada.

O olhar de pena que lançavam sobre ela ao saber de seu divórcio e dos dois filhos por criar; o sorriso irônico daqueles que a culpavam pelo desinteresse do marido e pela posterior traição; o gesto covarde de quem não queria tê-la como namorada, nora ou companhia, já que ter dois filhos sem um homem por perto possui aroma de promiscuidade.

Mamãe podia ter uma jornada diária de 12 horas mais as horas extras, além da tão sonhada faculdade para a qual enfim ganhara alforria para cursar. Ela ainda podia arranjar tempo para ir à igreja e clamar por forças para continuar, mas não importava: se calhava dela se apaixonar, só poderia ser por interesse ou pra “botar mais filho no mundo e ganhar pensão”. É verdade que foram vários os homens que a frustraram, mas isso pouco importava diante do peso de ter de carregar o mundo sob suas costas.

Obviamente, àquela altura eu não tinha como saber da força e da gratuidade de tantas palavras, mas agora é diferente. Hoje sou capaz de entender como a vida, sempre bastante amarga e injusta com ela e com tantas outras mães, apesar de solteiras, nos traz até aqui, vinte e poucos invernos depois. A enfermeira chama por meu nome, tirando de cena o meu divã e me trazendo para a realidade daquela sala de espera com um cafezinho vagabundo e revistas que ninguém lê.

Acompanho-a sozinha, tal como cheguei e tenho estado, já que o último a se meter por entre minhas pernas se foi há algumas semanas — disse que não sabia o que queria comigo, que estava tentando se encontrar.

Com as mãos suadas e pouco trêmulas, quiçá chegou a minha hora de ganhar meu rótulo e entrar para o clube das heroínas esquecidas. Não as que

aparecem nos comerciais de perfume durante o mês de maio, é claro, mas das que travam batalhas diárias e não são condecoradas, como fora mamãe.

Abro o envelope.

Faróis acessos pr'uma sociedade nebulosa

Bruna Martins

Dentro de um carro muita coisa parece mais intensa. O som alto do rádio no ouvido, o vento que bate na cara se a janela estiver aberta, os sustos com o trânsito. Uma discussão ali dentro pode deixar qualquer pessoa com vontade de abrir a porta do passageiro e sair como quem se livra de um grande aborrecimento.

Dia desses, com meu pai, vivi situação parecida.

A lei sancionada na mesma semana, que torna obrigatório aos motoristas o uso de farol baixo nas estradas durante o dia, tornou-se assunto durante uma viagem. Meu pai, inconformado com a nova regra, esbravejava. “Isso aí só serve para o governo tirar dinheiro da gente”.

A ouvir esse tipo de opinião, raivosa e muitas vezes sem embasamento, confesso já estar acostumada. Mas, dois dias antes, estávamos na sala de casa quando assistimos juntos a uma matéria num telejornal. Era após o almoço, a comida descansava no estômago. A matéria versava exatamente sobre os benefícios concretos da nova lei - todos com base em testes científicos devidamente exibidos na reportagem.

E eu me lembrei disso.

Como pode, então, alguém ignorar completamente aquilo que viu e ouviu para continuar acreditando naquilo que, pura e simplesmente, se quer acreditar? Podem dizer por aí que o pior cego é aquele que não quer ver; eu costumo acreditar que o pior cego é aquele que finge não enxergar.

Mas, lamentavelmente, não me surpreendo mais com esse tipo obcecado de reação. Meus olhos, quase que instintivamente, se reviram e eu penso “ah não, mais uma vez”. É como se já não bastassem todas as opiniões sem embasamento que ouvimos a todo tempo nesse período caótico que a sociedade vive. É como se eu ainda não me lembrasse de tudo que li e ouvi, lá por julho

de 2015, a respeito do “absurdo” em que se configurava a redução dos limites de velocidade nas marginais Tietê e Pinheiros, em São Paulo, instaurada na época pelo governo Haddad.

Afinal, segundo eles, este é o prefeito criador da “indústria da multa”. Segundo eles, o dinheiro arrecadado com os radares não deveria ser utilizado na construção de ciclovias, como parte foi. Mas é também, por eles, que as leis de trânsito não são respeitadas - pois, se isso não ocorresse, nenhuma multa seria aplicada, não é mesmo? Eles são os cegos que se recusam a ver.

Mas os números, estes não mentem. Se poderia até mesmo tomá-los como os faróis que trazem luz ao caso presente - mas eu recuso a ideia desse trocadilho no momento.

Ainda em 2015, no mês de setembro, jornais foram invadidos por notícias a respeito da diminuição, em mais de 30%, do número de acidentes com vítimas nas marginais nos dois primeiros meses da redução dos limites de velocidade. Isso, se comparado ao mesmo período do ano anterior. Outros estudos, como que num tapa na cara de muita gente, também trouxeram diversos resultados positivos motivados pela diminuição de limites em várias vias urbanas. Mas, ainda assim, os ouvidos de alguns, como meu pai, parecem manter-se tapados - ou ocupados demais com o eco de suas próprias crenças.

Esse, sim, é o que considero o tipo de cego que finge não enxergar.

Num mundo em que vozes podem nos dar a liberdade da qual sempre precisamos, a de meu pai naquele dia me sufocou. Bateu fundo e refletiu aquilo que evito encarar, mas do que o mundo de hoje está cheio. Doloroso é saber que o ambiente dentro de uma sociedade conservadora pode assustar muito mais do que o de um carro ocupado por opiniões reacionárias - mas dela, infelizmente, não é possível saltar para um mundo mais livre e de opiniões fundamentadas. O abrir de uma porta não resolve.

Pioneiro de bujão

Ethel Rudnitzki

É hora de rush em Botafogo, na Zona Sul carioca. Quem passa apressado e de vidros fechados pelo trânsito do bairro mal repara nos antigos cortiços, nas calçadas de pedras da época da colônia, nem muito menos nas figuras que circulam por ali. Já aqueles que passam mais devagar, com fome, ou com os vidros abertos não deixam de perceber o idoso vendedor de sinal, na rua São João Batista. De voz inconfundível, aparência nostálgica e segurando seus já famosos amendoins torrados, Antônio dos Santos, conhecido como “seu Toninho”, está a postos para mais um dia de trabalho.

Nascido em Campos, no estado fluminense, esse senhor que soma seus 85 anos foi o primeiro vendedor de mate na praia de Copacabana. Ele andava as areias do posto 4 ao 6 dezenas de vezes ao dia carregando uma cestinha de biscoito de polvilho e dois bujões, um com o chá e outro com limonada, cada um com 28kg. Contudo, se questionado sobre a saúde de suas costas ele responde com um sorriso largo “Eu tô na pista”.

Sua pele negro-avermelhada, já bem desgastada e enrugada, não esconde os anos passados embaixo do sol. Seus olhos também são pista: azuis de cataratas ainda não lhe tiraram a visão, mas denunciam sua trajetória de vida. Se a tez, a vista e a idade já não permitem que seu Toninho leve a rotina que tinha quando mais novo, seu humor ainda é o mesmo. Famoso por fazer piadas e cantorias na praia e, talvez por isso, vender tanto chá mate, ele faz jus à fama no sinal onde trabalha agora.

Ele trocou a paisagem que tinha para o horizonte do Atlântico pela rua asfaltada que termina com um portão enferrujado de cemitério. Porém, continua com a rotina pesada de vendedor e esbanjando suas manhas marketeiras. Sambista e mangueirense desde sempre, aproveitou a aptidão pelo ritmo musical para vender seu mate. “Já chegou o pidão, já chegou o pidão, não pode

pode ver ninguém com Da-matte na mão” ou então “Da-matte você é uma gostosura, foi proibido pela censura” são algumas das melodias inspiradas em marchinhas de carnaval que ele entoava pelas areias de Copacabana na década de 60.

Seu Toninho trabalhava para a Da-Matte, a primeira fabricante do chá a vendê-lo em bujão na praia. Ele foi pioneiro nas saídas pelas areias carregando duas grandes latas da bebida, antes que fosse um hábito bebê-la em frente ao mar. Em pouco tempo, a profissão de vendedor ambulante de mate se popularizou, e muitos se interessaram em ser como seu Toninho. Por isso, ele conta que nos primeiros anos ele não deixou de levar seus bujões à praia nenhum dia de sol.

A Da-matte era uma empresa carioca dos anos 60, tendo sede nos fundos do Mercadinho Amarelo, na altura do Posto 4, em Copacabana. Lá, os donos da fábrica, Santoro e seu filho (também conhecido como Toninho), ferviam o mate em enormes panelas de mais de 50 litros durante a madrugada, para que ele estivesse “fresquinho” quando os vendedores viessem buscar. Esse frescor de um chá caseiro era um dos diferenciais que fazia os banhistas comprarem a bebida em grandes quantidades, mas seu Toninho lembra que a receita do mate de bujão também tem alguns outros segredos: o açúcar cristal para adoçar e o processo de mexer que cria a espuma são alguns. A limonada também dava o toque especial no chá, e até hoje divide espaço com o mate nos ombros dos vendedores.

Com o tempo, outros fabricantes começaram a vender mate na praia e a Da-matte, por ser menor, não resistiu à concorrência. Hoje a marca predominante é a Matte Leão, que recentemente foi comprada pela Coca-Cola.

A alta demanda e o engrandecimento das fábricas de mate fez com que o chá de galão perdesse um pouco sua qualidade e o gostinho de caseiro. No fim 2009, após muitas denúncias como uso de água não filtrada e até suja na feitura do chá, a Prefeitura do Rio de Janeiro proibiu a venda de mate e limonada em bujão por questões sanitárias. Porém, como estava em pleno verão e a sede era grande, protestos de ambulantes e banhistas trouxeram o mate de volta em pouco tempo.

Depois disso a situação só melhorou para os vendedores. Em 2014, eles se tornaram patrimônio cultural imaterial da cidade do Rio de Janeiro pelo

Decreto nº 35.179 do prefeito Eduardo Paes, o mesmo que havia proibido a venda do chá anos antes. Os ambulantes também precisam de alvará para trabalhar e têm direitos trabalhistas garantidos. A Prefeitura estima que sejam aproximadamente 1200 deles nas praias, vendendo desde mate até “pau de selfie”.

Na época de Seu Toninho, contudo, não era assim. De qualquer maneira, ele conseguiu criar seus dois filhos e formá-los no ensino superior. Um deles é musicista e a outra é nutricionista. Orgulha-se também de ter dois netinhos e de estar casado há 45 anos. Mas mesmo com sua missão cumprida, ele continua vendendo amendoim no sinal de Botafogo. É verdade que ele tem gosto por vender, mas a vida de ambulante também não dá trégua.

Tragicômica Ana

Isabella Schreen

O sol já havia descansado no aconchego do horizonte. O caminho para casa parecia longo e exaustivo. Caminho só pelas ruas de minha amada Santa Cecília, como de costume. Sou acompanhada somente por minhas músicas mais envolventes, que acariciam como cobertores a minha alma ariana em chamas. Cantarolando letras um tanto pervertidas, escuto no pé da orelha: “E aí, ruivinha mais linda do bairro?”.

Lá estavam elas, minhas amigas de alguns minutos na rua, conversando e pintando as unhas do pé. Entre pilhas de papelão, sacolas rasgadas, sujeira e um cheiro forte de urina, a conversa não dava espaço para maré ruim e baixo astral.

Quem se aproximou de mim foi Ana, moça esbelta com seus um metro e oitenta e poucos de altura e cabelo laranja. Top florido, saia jeans, plataforma e batom rosa shock, como todas as vezes que a vi. Com fala doce me perguntou como eu estava hoje, se havia me resolvido com o boy de semana passada. Minha resposta resumiu em poucas palavras toda uma história de muita choradeira. Porém, meu interesse não estava em minha fala repetida, mas na dela.

Ao questionar como ela estava, recebi mais uma vez a velha resposta de sempre: “tudo bem, batalhando todo dia, né gata?” Aparentemente nada havia mudado, até que um assunto mais profundo deu as caras. Ana sentiu a liberdade de me contar como havia chegado ali.

Nasceu em Minas, viveu em São Paulo. Fruto de um adultério, foi criada apenas pela mãe e nem sempre foi feliz. Ao ver de Ana, ter passado fome e dificuldades não eram nada perto do sofrimento de conviver com uma mãe tão severa. Apesar de viver com seis irmãos pirralhos e melequentos, como ela mesma disse, todo o pesar da mão de “mamãe” caía pra cima dela. Apanhava, trabalhava, apanhava, ajudava na casa, apanhava. Seu único passatempo era

não brincar com os poucos brinquedos que havia ganhado, só observá-los. E só.

Até a quinta série, que foi quando abandonou a escola, Ana sonhou em ser bailarina, almejou as Barbies de suas colegas e quis ser famosa. “Menina, até aquela Barbie que era mais beizudinha, como que era o nome dela mesmo? Susie? Até ela eu queria, mas na minha condição não dava né? Era coisa de gente loka com K”. Sempre sentada num canto, Ana sonhou ser algo, alguém que não era. Sonhou em deitar a cabeça no travesseiro sem culpa. Sem chororô.

Fomos interrompidas por um: ô gostosa. Ana não se incomodou, enquanto meus olhos ardiavam em chamas. Nesses poucos segundos, parei para pensar em como a conversa caminhava. Uma história triste, contada com pitadas de tragicomédia.

Aos 15, Ana fugiu de casa. Foi tentar a vida na rua, em algum lugar que fosse mais aceita do que dentro de sua própria casa. “Foi aí que eu caí na maior cilada da minha vida. Me falaram de cara pra eu ir trabalhar na França de doméstica. É óbvio que eu aceitei, né fia? Mas foi aquele belíssimo check-in com a cara no chão, né? O negócio era pra ser puta, ficar trancada na boate, igual aquela novela lá, sabe? Pois é, menina. Tô aqui ao vivo contando pra você que já aconteceu isso comigo.”

Não pude conter o riso com o jeito que a história foi contada. Como contar tamanha tragédia com risadas e palhaçada? Não sei, mas gostaria de aprender.

Enfim, Ana resumiu a história dizendo que conseguiu fugir pra cá, trazendo na bagagem umas “calcinha véia” e o vício no crack.

“Mas ó, eu fiquei na zumbilândia (entendi que se referia à cracolândia) por um tempo aí.. até que umas véinha da região começaram a me ajudar e consegui largar. Graças a Deus!”. Depois de ter largado a droga, com bolsos vazios, Ana caiu na prostituição para poder comer um pão de vez em quando.

“Olha, eu prefiro tá aqui rodando bolsinha do que tá no crack ou na casa da maldita da mamãe. Eu tô aqui é por causa dela, que nunca me apoiou. Falava que eu tinha vindo com defeito de fábrica, que nunca devia ter dado pro meu pai”.

Aquilo me doeu demais.

A história de Ana acabou por aí.

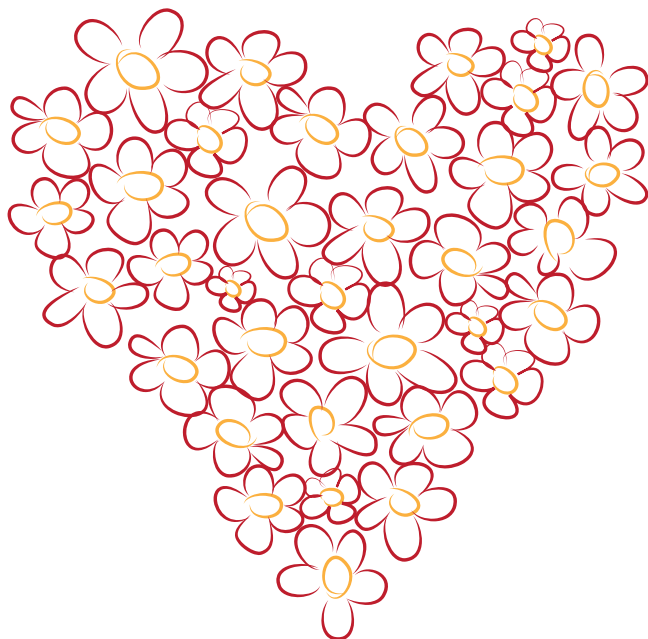
Ana nasceu como André, mas André sempre foi Ana.

Felizmente, André não existia mais. Ficou no quarto vazio da casa de uma “maldita mamãe”.

Aquilo que dá no coração

“Porque a vida só se dá pra quem se deu, pra quem amou, pra quem chorou, pra quem sofreu. Ah, quem nunca curtiu uma paixão nunca vai ter nada. Ai de quem não rasga o coração, esse não vai ter perdão. Quem nunca curtiu uma paixão, nunca vai ter nada, não.”

Vinicius de Moraes



Um conto (im)possível

Felipe Fabbrini

5 libras. 25 reais, nada a mais. Bastava; o bolso não reclamava. Assim ponderava o torcedor das raposas, sentado ao balcão com o dinheiro na mão. Por que não? Estava decidido. Esvaziou mais uma caneca e levantou-se resoluto. O que tinha a perder? Bem, talvez um almoço, um corte de cabelo ou um taxi para casa, mas que falta fariam? Dirigiu-se à rua em ziguezagues para o deleite dos companheiros, que gargalhavam às custas da dopada convicção do amigo. Escaldantes 20 graus aqueciam a até então pacata cidade de Leicester quando o torcedor consumou sua aposta. E virou motivo de piada.

Começava a temporada com o pé direito. Começava, melhor dizendo, com o pé direito, o esquerdo e a cabeça - vitória e quatro gols marcados. A equipe que milagrosamente escapara do rebaixamento no ano anterior surpreendeu logo na estreia. Aplausos aos atletas, mas o torcedor, enfim sóbrio, não se deixou iludir facilmente. Havia um longo caminho pela frente. Teve de voltar a pé, faltavam 5 libras para o taxi. Por um breve instante se arrependeu. Mas quem se importa? Seu time venceu!

E voltou a vencer. Novamente. Mais uma vez. E outra. O torcedor externava lucidez. Tinha perfeita noção de quais eram suas chances. Precisamente uma em 5 mil. Ao menos era isso o que oferecia a casa de apostas antes do início da temporada. Somos os azarões, humildes e desconhecidos. Os adversários, ricos e poderosos. O campeonato está longe de acabar, não teremos fôlego – era o que dizia. Mas por dentro sonhava. Afinal, 25 mil libras estavam em jogo. 125 mil reais. 36 mil 192 dólares e 33 cents se você preferir. Talvez devesse ter apostado na possibilidade de comprovar a existência do monstro do lago Ness ou na chance de encontrar Elvis Presley perambulando por aí. Cotações equivalentes. Não. Não seria a mesma coisa que faturar o prêmio e de quebra ver seu time vencer a liga pela primeira e possivelmente única vez na história.

Mas as raposas continuavam vencendo e quem perdia o fôlego eram seus perseguidores. Primeiro, os azuis londrinos. Os diabos vermelhos logo em seguida. Então foi a vez dos súditos do xeique e da sempre decepcionante armada alvirrubra. O que poderia explicar tamanho milagre? Talento, união e dedicação? Sem dúvida, mas os verdadeiros contos de fadas nunca se concretizariam sem a presença de um rei. E o rei deste conto chama-se Ricardo III. Ou melhor, chamava-se, 527 anos atrás quando morrera em batalha e fora visto pela última vez. Ou melhor, pela penúltima vez, já que seus restos mortais foram finalmente descobertos depois de meio milênio de frustradas tentativas de busca. Encontrados em um estacionamento na nada pacata cidade de Leicester. Diziam que a chance de o rei ser encontrado era a mesma do time vencer a liga. Cotações equivalentes. Antes do enterro, a última colocação. Depois do enterro, prestes a ser campeão. Coincidência ou não, restava apenas um perseguidor.

Mas não nos esqueçamos do nosso torcedor, sentado ao balcão, acotovelado em meio à multidão. Olhos na televisão, o time podia ser campeão. Bastava um simples tropeço da concorrência contra os azuis londrinos para que as valentes raposas faturassem a taça. E o ansioso torcedor, sua pequena fortuna. Afinal, o que seria desse conto de fadas sem um polpudo pote de ouro? O duelo londrino avançava para os momentos derradeiros sem uma definição e o torcedor já se conformava em conter o grito por mais uma semana. Não precisou. No apagar das luzes... gol! Gol dos azuis! Marcado por... Hazard! Simbólico, mas sem uma certa dose de ironia. Azar da concorrência. Nada mais apropriado para compor o indispensável final feliz de um conto que redefiniu o significado de impossível. E quebrou certa casa de apostas. Quanto ao rico torcedor, o que se sucedeu? Quem se importa? Seu time venceu!

É amor, sim.

Victória Del Pintor

Dia desses, perdi meu cachorro. Fugiu sem que ninguém percebesse, em uma quinta-feira à tarde. Quando era por volta das 20h, meu pai se deu conta de seu sumiço. Eu só fui saber duas horas mais tarde, quando voltava de um compromisso. Dengoso havia escapado pelo portão da garagem, e o fez de maneira tão sagaz que a escapada passara despercebida por todos os quatro habitantes da casa. Até hoje, não sabemos o momento exato em que aconteceu. Fora quando minha mãe varria o quintal? Quando meu irmão chegava da faculdade ou quando saía para a academia? Quando meu pai estacionava o carro ou quando tirava-o novamente para me deixar no metro?

Nos momentos iniciais do choque, estávamos mais preocupados em desvendar isso do que em, de fato, procurar o Dengoso. Quando o dia virou e ele, que estivera conosco por 17 anos não havia dado sinal de vida, começou o desespero. Em algumas horas nosso bairro estava infestado com cartazes de “procura-se”, e eu e meu pai rondávamos à pé ou de carro as ruas da vizinhança em busca da bola de pelos branca. Falamos com todos, desesperados com a falta de informação e com os relatos confusos que nos eram passados. Até que, no fim do dia, recebemos uma ligação de uma moça. Ela contava que havia achado meu cachorro perambulando assustado pelas ruas, e o acolhera em sua casa. Mandou-nos fotos pelo celular e confirmamos que se tratava dele mesmo. Acontece que ele havia sido adotado por outra família. A partir daí, a moça começou a buscar incansavelmente a família que havia levado o Dengoso. Marcela, que assim como eu é uma amante de animais, estava tão preocupada quanto nós, que convivemos com o poodle por quase duas décadas.

“O amor move montanhas”, dizem. Sempre pensei que se tratava daquele tão idealizado amor romântico. O amor move sim as pessoas. Mas o amor a que me refiro aqui é aquele dedicado a um time, um clube, uma banda, cantor,

aos animais, às bicicletas, a qualquer coisa que seja objeto de um amor coletivo. Vários amando a mesma coisa que, muitas vezes nem tem como retribuir, por ser um objeto ou por realmente não conseguir amar a tantos sem nem conhecê-los. E o engraçado, e o que me deixa mais confortável, é o fato de que esse grupo mantém um respeito e até mesmo um certo apreço por aqueles dentro dessa mesma multidão.

Acho que o melhor exemplo disso que consigo lembrar - além do caso do desaparecimento do Dengoso - é o que acontece toda vez em que há um jogo do palmeiras no Palestra Itália. Bem do lado do estádio, há um shopping, que vira praça de alimentação e estacionamento exclusivo dos torcedores nesses dias. Às vezes, eu, desinformada, acabo por ir lá nesses dias na hora do almoço. Todas as mesas coloridas com pontinhos verdes, é quase impossível achar um lugar. Quase, pois se você for um desses pontinhos verdes, não importa de quantas pessoas esteja acompanhado, um outro pontinho verde vai sempre lhe ceder um lugar. “Sente aqui, amigo, eu já acabei”. É o mesmo que ocorre com os amantes de cigarro, um vai sempre ceder fogo ao outro, e os cigarros doados por quem fuma fazem uma bela equação com aqueles que já recebeu.

Esse sentimento tem nome, certo? É aquele mesmo que faz com que, eu sempre acaricie um cachorro quando avisto um e comece a conversar com seu dono como se fossemos conhecidos de longa data. Dá um aconchego gostoso.

PS: Dali a cinco dias, finalmente o Dengoso voltava para a casa, após passar uma curta estadia em Alphaville, com uma outra família que o havia adotado.

4 de julho de 2012

Carla Monteiro

Era uma manhã atípica em toda a América. Uma nação com mais de 30 milhões de loucos acordou com a esperança de que aquele dia fosse escrito na história do clube que tinha mais de cem anos de vida, mas não tinha nenhuma Libertadores. Naquela quarta-feira, quatro de julho, o Corinthians enfrentaria o Boca Juniors com a chance de vencer, pela primeira vez, a Libertadores da América.

A vida não é fácil para um corinthiano. Tudo pra Fiel é mais difícil. Gol chorado aos 47 do segundo tempo: com o Corinthians é assim. 23 anos de jejum sem qualquer título, com o Timão também é assim. Motivo de chacota dos rivais porque o time não tinha estádio, nem Liberta. Mas a Fiel é forte, a Fiel aguenta. A torcida está ao lado do time sempre, do começo ao fim. E se não vencer? Se não vencer, a Fiel continua tentando.

Nas ruas, a cor alvinegra tomava conta. No peito, o símbolo do time estava estampado. No rosto do torcedor, não era difícil encontrar um sorriso orgulhoso em meio a expressão de nervosismo, que logo dava espaço à confiança. No olhar, o brilho de quem queria mais do que nunca que o time vencesse aquela noite. E no Pacaembu, palco da decisão, corinthianos entoavam a canção que embalou a campanha do time até ali e o recado não podia ser mais claro: “vamos, vamos, Corinthians, essa noite teremos que ganhar”.

Mas naquele dia, naquele ano de 2012, boas vibrações estavam no ar. O Corinthians tinha um coletivo forte e um técnico cheio das ‘titibilidades’. Não é à toa que o time chegava até ali invicto; se a dupla de zaga Leandro Castán e Chicão falhassem, um paredão chamado Cássio estava lá pra ajudar. Sem contar com a liderança do xerife Ralf e a presença do ídolo Paulinho e também o apoio de Fábio Santos.

Mas quem brilhou mesmo aquela noite foi Emerson Sheik. Já no segundo

tempo, Alex cobra a falta, Jorge Henrique desvia de cabeça e os mágicos calcanhars de Danilo dão passe; Emerson Sheik só precisou de um toque de peito pra sair do marcador e mais um toque pra estufar a rede e fazer Corinthians um a zero. Barulho ensurdecedor no Pacaembu. É gol do Timão.

Argentino é famoso pela catimba. E catimba em Libertadores ganha jogo. Caruzzo, zagueiro experiente do Boca, catimbeiro. Sheik foi seu alvo. Mão na cara, conversinha provocante, intimidou até dizer chega. E se não ficou claro, o basta partiu do camisa 11, que zombou do zagueiro, de quebra usou até os dentes pra se defender e respondeu com os pés. Em saída errada da defesa, Sheik roubou a bola. Falha fatal. Ele levou cinco segundos para percorrer meio campo com a bola dominada. Não teve zagueiro para detê-lo ou goleiro para defender o chute sutil e colocado em direção ao gol. Tava lá dentro. Mais um do Corinthians, pra delírio da Fiel.

O jogo chegou aos 45 min, mas o juiz deu três de acréscimo. Três minutos separavam o Corinthians do título inédito da Liberta. E de forma invicta! A Fiel merecia. Sempre presente, torcida que ama e não mede esforços pra ver o time jogar. Apoia e grita feito uns loucos. Bando de loucos, loucos por ti Corinthians. Nunca parou de lutar, jamais desistiu do clube o do sonho de vencer a Libertadores. Tanto tempo que a Fiel esperou, aqueles eram os três minutos finais prestes a eternização do dia 4 de julho. A espera terminou. Chegou a hora de soltar o grito. Era difícil conter as lágrimas, os abraços. O Corinthians era, finalmente, campeão da Libertadores. Campeão dos campeonões. Invicto. O Capitão Alessandro levantou a taça naquela noite preta e branca. Era da Fiel. A Liberta é nossa. Dia eternizado na história do clube. Feliz eterno 4 de julho.

Um céu azul sobre a passarela branca

Flávio Ismerim

Pra Carnaval, *só não vai quem já morreu*. E o menino, que não é *ruim da cabeça nem doente do pé*, gosta de um bom samba. Espetáculos de luz e cor, poesias musicadas, histórias. Tudo fascinava o menino que esperava ansioso pelo menor sinal desse universo que se abre toda sexta-feira de carnaval.

O menino que ontem tinha frio na barriga na sexta de carnaval, hoje treme só de pensar naquela passarela. Adolescendo ele viu comunidades inteiras se unirem em uma única voz, cantar um só samba, defenderem um só pavilhão e chorar e sorrir em busca de um só resultado.

Assistir isso tudo ao vivo, então, foi um parque de diversões! Carros enormes deixam o menino de boca aberta, o coração do menino ganha força com o batuque das baterias, o olhar do menino marejava com o bailar do casal de mestre-sala e porta-bandeira. Embasbacado, tudo o que ele pode ter certeza quando voltava pra casa caminhando pela Marginal Tietê era de que jamais se cansaria de mergulhar cada vez mais fundo naquele universo que o fascinava quando pequeno.

E o Carnaval é isso mesmo. Um universo do qual o menino não para de descobrir novas nuances. Uma engrenagem que move milhares de vidas. Um girar tão belo de uma baiana que dedica toda sua energia à comunidade. Um cortejo galante do mestre-sala. Uma nobreza sem par da porta-bandeira plebeia. Um amor ao seu pavilhão que não tem par. Uma verdadeira escola da vida, onde se aprende a ganhar e perder, sem jamais deixar de sorrir. Mas o que o menino anda descobrindo é que a alma e a identidade da escola se faz no compasso do samba.

É só quando o samba sobe que aqueles milhares são movidos pela engrenagem. É no gingado da batucada que as baianas giram e o pavilhão é conduzido. É só o samba que se sobrepõe a qualquer vitória. É ele que une a comunidade durante o ano pra produzir esse espetáculo que encantava o menino pelas cores e histórias.

Hoje, de dentro, o menino é mais um dentre os milhares. O menino chora exaltando seu pavilhão, toca pra ver a baiana girar, o mestre-sala cortejar e a porta-bandeira conduzir. E só hoje o menino é capaz de perceber de onde vem todas aquelas luzes e matizes que o encantavam quando pequeno.

Sobre o olhar altaneiro de uma águia dourada de fundo azul e branco, ao lado de outras centenas de batuqueiros, o menino enxerga que a vontade de estar ali junto dos outros milhares é o que move aquela escola. A vitória jamais deixaria de ser bem-vinda, sem dúvidas. Mas ganhando ou perdendo, a águia continua sendo dourada e os milhares continuam querendo fazer um samba gostoso e queimar um carne no fim de semana.

Ganhando ou perdendo, com luz ou sem luz, com brilho ou sem brilho, o belo mesmo é ver a tradição se manter através da vontade de se reunir e fazer tudo dar certo. Um ano de muito amor pelos milhares de foliões que defendem o seu próprio pavilhão nunca foi e nem será apagado por um detalhe bobo durante o desfile. Mais bonito que uma vitória é ver toda a comunidade tirando onda no limiar entre o azul do céu e o branco da passarela. A força do carnaval está dentro de suas comunidades. O belo vem do popular. Ah, e como o menino gosta disso!

Manchester United x Ipatinga

Guilherme Weffort

Esse texto não é sobre futebol. Quem sabe, daqui alguns anos, no Japão. Por hora, vou falar de dois amigos e seu grande feito.

Francisco e Gustavo se conheceram ainda no maternal, aos dois anos. Um louro, outro moreno, um corintiano, o outro palmeirense, um mais tímido, e o outro mais parecia um pavão. Em tempos de Casa dos Artistas, um se dizia Supla, o outro Vitor Belfort. Resultado? Logo viraram amigos

Entraram juntos na escola de música, e aprontaram a ponto da professora mais velha da casa se aposentar, depois de alguns instrumentos jogados escada abaixo. Quando saíram, tinham um incrível repertório de duas músicas na flauta.

Aos cinco, Gustavo se mudou, e a distância entre os dois encurtou. A essa altura suas mães já eram amigas (também pudera, com tanto problema para resolver), e os dois já se viam com mais frequência. Ganharam irmãos no mesmo ano, e pensaram juntos como seria essa brincadeira de não ser filho único.

Acabou a pré-escola, e cada um foi para uma escola diferente. Curiosamente foi nesse momento que a amizade dos dois ganhou um sentido a mais. Francisco ganhou um video game. Naquela época, sem os onlines da vida, o jeito era se ver para jogar. Foi o que fizeram. Ao menos duas vezes por mês passavam a noite jogando. Só futebol, como mandava o figurino e a maior paixão comum dos dois.

Com o tempo a coisa ficou sofisticada. Criaram o próprio campeonato. Anotavam os goleadores e escolhiam o melhor homem de linha e o melhor goleiro ao fim de cada torneio. Criavam a si mesmos e passavam horas jogando e mudando times, uniformes e tudo que desse para mexer. Cada um tinha seu jogador preferido, seu time preferido (quase sempre rivais).

Já aos 13 anos, os dois arrumaram um novo incentivo. O tempo. Sempre cruel, derrubando o metabolismo dos meninos antes da hora, e fazendo-os desmaiar de sono. Era hora de mudar isso, tinham que bater o recorde, que naquele momento não passava das 4h30. Francisco ganha um vídeo game novo, e a busca pela noite em claro vira obsessão

Como combinado, Gustavo chega às 10h da manhã de um sábado a casa de Francisco. Passam o dia em frente a TV. Com paradas para refeições, e para enormes copos Coca-Cola, o energético dos pré-adolescentes. A noite cai e traz com ela seus efeitos. Com o sono, diminuía a paciência e aumentavam as brigas. Volta e meia um fechava a cara. Mas eles seguiam. Não podiam dormir.

Assim foram, sem se preocupar muito com o relógio, mas dando algumas olhadas despreziosas. Após mais de 5 campeonatos (um demorava três horas) e já no modo “um olho aberto e o outro fechado”, escolhem os times para o novo torneio. Gustavo escolhe o Manchester United. Francisco, em resposta, escolhe o Ipatinga.

Não havia explicação além do sono para a escolha quase suicida (quase porque Francisco era melhor que Gustavo). O jogo começa e os dois estão a ponto de dormir sentados. É quando decidem parar. Será que haviam batido o recorde? Será que precisariam de outro dia? A olhada no relógio e a reação foram claras, como o sol que já havia aparecido. Eram 6h30. Tinham virado a noite.

O dia seguinte foi de alegria, apesar das apenas 5 horas mal dormidas de sono. Nem ligaram para as broncas por não dormirem direito. Importava só a sensação de missão cumprida.

Hoje, já crescidos, Gustavo e Francisco mantêm a paixão pelo jogo, e guardam com carinho o histórico de campeonatos. Já não tem mais fôlego para ficar jogando até bem cedo. Tudo bem, eles não precisam mais. Um Manchester United x Ipatinga tornou real o que parecia impossível.

Sobre alucinações laticínias

Rafael Oliveira

Olho fixamente para os seis que se amontoam em minha cômoda bagunçada; posso jurar que eles olham de volta para mim, me zombando. Minha boca saliva e eu tenho que respirar fundo para não sair debaixo das cobertas para atacá-los. Por alguns instantes, me arrependo de ter enchido os bolsos do blazer com os malditos. Não por ter sido meio deselegante para a ocasião, o casamento de meu cunhado, mas porque é quase uma autotortura tê-los em meu campo visual.

Não me refiro a nenhum ser demoníaco, tampouco a algo que uma pessoa média se arrependeria de ter em grandes quantidades. Falo de bem-casados. Sim. Falo do doce distribuído em montes aos convidados de nove entre dez casamentos. A guloseima feita de não-sei-o-quê com doce de leite no meio, que agrada qualquer pessoa de bem.

Eles não me fizeram nada de mal, confesso. Mas são o exemplo perfeito de como o meu novo estilo de vida tem me afetado nos últimos meses. Explico: no começo do ano, procurei um nutrólogo. Não sei explicar exatamente o que é um nutrólogo, mas posso garantir que o meu tem alguma fixação por exames de sangue, já que tirei inacreditáveis trinta e quatro tubinhos em minha estadia no laboratório. Dentre muitas outras coisas que você consegue descobrir quando tentam te assassinar com uma agulha e fazem testes com o material, uma descoberta foi provavelmente a notícia mais inesperada da minha vida: eu tenho alergia à proteína do leite.

Não, isso não significa que eu viro o Will Smith com a cara empelotada em Hitch - Conselheiro amoroso toda vez que consumo leite de vaca. Não tenho aquela intolerância absurda que é capaz de fechar a garganta e transformar o ser humano no Fofão até porque eu não estaria vivo à essa altura do campeonato se fosse desse nível, mas a rejeição do meu corpo ao alimento é capaz de

afetar o meu organismo. Apenas com o exame, porém, não era possível saber exatamente o que o leite me provocava. Para descobrir qual o efeito da alergia, eu teria que cortar qualquer presença de leite da minha alimentação por um mês.

Um, maldito, mês! Do final de abril até o começo de maio, eu teria que, compulsoriamente, abandonar metade dos alimentos que faziam parte do meu dia-a-dia. E se engana quem pensa que retirar o leite se resume em abolir as caixinhas longa vida, o queijo e a manteiga. Nas minhas primeiras compras após o diagnóstico eu descobri que praticamente todos os produtos industrializados possíveis e imagináveis têm leite em sua composição. Bolacha, nuggets, salgadinhos, praticamente todos os doces e até boa parte dos pães.

Nesses dolorosos trinta dias, tive algumas revelações: eu amo chocolate; hambúrguer sem queijo é muito ruim; bolacha recheada é uma produção divina; churros e pretzel estão entre as sete maravilhas alimentícias do mundo; café sem leite é intragável – que me perdoem os amantes de café puro e forte. Findado o mês mais longo de minha vida, voltei ao médico, que autorizou a reintrodução dos laticínios duas vezes por semana, com intervalos de três.

Se engana, porém, quem acha que comer às vezes é melhor do que não comer nunca. Terminadas as vinte e quatro horas de consumo de leite – a qual, confesso, aproveito mais do que deveria –, tudo o que consigo pensar é em como voltar no tempo e comer um pouco mais de chocolate, ou em como fazer o tempo passar mais rápido para devorar um hambúrguer com todo o cheddar que for possível.

Estou apenas nas primeiras horas de mais três dias sem leite. A vida sem laticínios é dura.

Posso jurar que os bem-casados estão rindo da minha cara.

Número um

Marina Morais Caporrino

Dia dois de dezembro de dois mil e quinze, o coração já acorda palpitante, ansioso, está a mil por hora. “Calma, respira, ainda faltam mais de doze horas”, manda a mente, mas coração é bicho teimoso, quem disse que se acalma assim? O dia passa, pacato, faz calor, o Sol brilha. Mas dentro, o coração não para, está na garganta, está no estômago, está em cada célula do corpo.

Perdizes, Rua Palestra Itália, antiga Turiassu. A região já está interdita há horas, serão mais de quarenta mil torcendo juntos, nervosos, ansiosos. A vontade de gritar “campeão” está presa na garganta há meses, desde maio. Diante do mesmo rival, mesmo lutando até o final, deixamos o título estadual escapar pelos dedos. Essa era a chance de redenção.

Entrávamos em campo com uma desvantagem de um gol, com o adversário sendo considerado favorito absoluto. Algumas revistas já haviam cravado o vencedor, fotos do poster de campeão da Copa do Brasil 2015 com o time do litoral paulista haviam vazado, os jogadores alvinegros fizeram provocações a semana inteira. O sangue do torcedor corria pegando fogo com as provocações, o coração batia, forte, no peito, na garganta, na cabeça.

Festa bonita da torcida, fumaça, mosaicos, o coração não para. O juiz apita e, logo aos 10 segundos, a primeira chance com o menino que tornou-se sensação para a torcida, mas a bola fica no goleiro. “Começamos bem”, apesar da mente acalmar, o coração não para. Os minutos passam, o time cria, mas o gol não sai. Conforme o relógio se aproxima dos quarenta e cinco, a ansiedade aumenta. As unhas, roídas até a carne, aparentam ter passado por uma grande batalha. Fomos para o intervalo com a desvantagem, com o título, de novo, escapando entre os dedos. A torcida nas arquibancadas e na rua não para de cantar, incentivando o time, mesmo no intervalo. O coração continua a bater rápido, mesmo no intervalo.

O time agora voltava sem o seu menino Jesus, que saiu ao final da primeira etapa com dores no ombro. No banco, foi dominado pelas lágrimas por ter deixado o time nesse momento. Lágrimas que com certeza seriam lembradas depois, independente do resultado. Começa o segundo tempo, a torcida canta e vibra. Cada coração alviverde, dentro e fora do estádio, manda energias positivas para o time do seu jeito, apesar da ansiedade.

Os olhos acompanham, apreensivos, cada toque de bola, cada passe, cada tabela. Cada segundo, cada batida do coração, agora pesa ainda mais, fica mais sombrio. Robinho, Barrios, Robinho, Dudu. Onze minutos e trinta e oito segundos do segundo tempo.

Mais uma vez, como outras em décadas anteriores, a mística camisa sete alviverde brilha. Dudu abre o placar, acabando com a vantagem que o time santista tinha. A arquibancada explode em alegria, vibração. Naquele momento, o coração até fica mais leve. Mas ainda não acabou, aquele resultado ainda não garantia o título de forma direta.

A bola volta ao jogo, o coração volta a explodir, está na garganta. Os dentes roem o que resta de unha. Os pulmões enchem-se de ar, “Força, avanti, nós conseguiremos!”. A torcida alviverde empurra o time, assim como fez contra o Internacional e contra o Fluminense. Apesar de ainda serem tempos de duas torcidas no estádios, mal se ouvia a torcida santista. Seria capaz de arriscar que a torcida que lotava a rua lá fora também podia ser ouvida pelos jogadores. Todos os corações e vozes soavam uníssonos.

Passam-se mais trinta e oito minutos. A jogo segue quente, os dois lados pressionam, mas sem sucesso. Até que, aos trinta e nove minutos e dez segundos, Robinho cobra falta, Victor Hugo desvia e, de novo ele, Dudu, coloca a bola para dentro do gol santista. A arquibancada explode em furor. O coração, se não fosse preso ao corpo por tantas veias e artérias, poderia muito bem sair pela boca, junto com aquele clamor de alegria. A vantagem, que antes era preta e branca, agora tinha as cores do dono da casa, era alviverde. A conquista do título, que no começo do jogo parecia tão improvável para a imprensa, agora estava em mãos.

Mas quem é torcedor alviverde sabe que dificilmente as coisas vêm de forma tão simples assim. Bastaram três minutos para a taça fugir das nossas mãos de novo. Por três minutos, sentimo-nos campeões, mas, aos quarenta e um

minutos e quarenta e nove segundos, o time do litoral marca, empatando o placar geral, forçando a decisão ir aos pênaltis. Naquele momento, pela primeira vez no dia, o coração para. O mundo para, tudo fica em câmera lenta. Parece um pesadelo que se repete, é o mesmo enredo de alguns meses antes, o mesmo cenário da decisão do Campeonato Paulista. Não podíamos deixar, de novo, que aquele grito permanecesse preso dentro do peito.

A torcida volta a incentivar, acredita. O coração também. Apesar de toda a garra que os atletas mostraram, a decisão seria nas penalidades. Naquele momento, o torcedor mais religioso reza, o mais supersticioso aperta seu amuleto, todos ajudam do jeito que acreditam. Anunciam-se os batedores. Zé Roberto, Rafael Marques, Jackson, Cristaldo e Fernando Prass. Fernando Prass? Há um misto de surpresa e insegurança no rosto do torcedor, o goleiro é um mago com as mãos, mas, será que com os pés?

A primeira cobrança é do time santista. Marquinhos Gabriel, ex-jogador alviverde, dá a sua ajuda ao antigo time e chuta para fora. A torcida vibra. Zé Roberto marca. O coração não para, está na garganta, no estômago, na boca, ele pulsa, frenético, em cada célula do corpo, em cada pelo arrepiado. Gustavo Henrique, zagueiro alvinegro, vai para a cobrança, bate no canto direito e Fernando Prass defende. Novamente, a arena explode em euforia, aos poucos aqueles que estão com o pé atrás começam a acreditar. Então, o tormento da final do estadual volta a assombrar o coração alviverde. Rafael Marques perde a sua cobrança, assim como ocorreu sete meses antes. Mas calma, ainda temos Fernando Prass.

Na sequência, todos os jogadores marcam, para os dois lados. O torcedor desejou que Prass pegasse a última cobrança do time santista, feita pelo camisa nove alvinegro, Ricardo Oliveira, o principal símbolo da forte rivalidade que crescera intensamente desde o estadual. Foi por pouco, mas não deu. É então que Fernando Prass vai para a bola. O torcedor palmeirense está como o goleiro santista: não sabe o que esperar.

Novamente, o coração parece não caber no peito. Os dedinhos, demasiadamente redondos pelas unhas roídas, apertam a corrente com pingente verde. “É para dar sorte”, por isso estava ali no pescoço. E daria. O goleiro corre para a bola, chuta certo, o goleiro adversário cai para um lado, a bola explode no fundo da rede.

Explode junto com a torcida, dentro e fora do estádio. O grito, há meses preso na garganta, enfim sai. A euforia, assim como o coração, agora alegre, não cabe no peito. A festa é merecida. O Palmeiras é campeão da Copa do Brasil, pela terceira vez na sua história e pela primeira vez na sua nova casa.

Dois dedos de prosa com a vida

“Para que nossa vida se justifique, não é preciso narrar o passado de forma que ele dê sentido à existência. Não é preciso que cada evento da vida prepare o seguinte. Tampouco é preciso que o desfecho final seja sublime (...). Para justificar a vida, bastam as experiências (agradáveis ou não) que a vida nos proporciona, à condição que a gente se autorize a vivê-las plenamente.”

Contardo Calligaris



Distração hispânica

Carolina Ingizza

“Vou colocar essa música da Susana Baca e quero que vocês prestem muita atenção na letra, pode ser? Depois conversaremos sobre a temática, então fiquem atentos e anotem o máximo de frases que conseguirem”.

Respiro fundo, vamos lá. Não pode ser tão difícil, é só ignorar todos os instrumentos e focar na voz. Nossa, esse idioma é tão bonito! Olha só a frase “la madrugada estalla como una estátua”. O jeito que ela pronuncia “estalla”, o “lla” soa como “já”, acho que ela é peruana, né? Mas o que será que essa palavra significa? Seria “estala”? Impossível, estátuas não estalam. Deve ser algo que remeta a estar parado, não sei.

Volta, volta, volta. Presta atenção na letra, já se foi a primeira estrofe. O que vou falar para professora? Anotei somente uma frase e não faço ideia do que ela significa por causa dessa maldita palavra desconhecida.

Isso no fundo é um violino? Melhor escrever o nome da música e perguntar depois pro Vinícius qual instrumento é. Ela canta meio como a Elis, é muito agudo, minha mãe acharia lindo. Minha nossa, já to perdendo tudo de novo.

Lilian sorri para mim. Ela com certeza vai me perguntar sobre a letra e vou responder inocentemente “fala de estátuas e acho que tem um violino no fundo, mas meu irmão vai confirmar e te digo depois”. Droga de mente inquieta.

Quem foi que inventou que fluência idiomática é comprovada por capacidade de entender letras de músicas? Faz anos que falo inglês e só entendo parcialmente o que os Beatles cantam. É claro que eu tenho a memória afetiva do jeito errado que eu entendia na infância, mas, de qualquer forma, é muito complicado entender as palavras no meio de uma canção. A entonação interfere, o ritmo influencia, os instrumentos atrapalham, as metáforas usam referências culturais de outro país, tudo é uma distração.

Além disso, por escutar músicas em línguas que não falo, passei a me re-

cionar muito mais com a melodia do que com a letra. Hoje quase não consigo descolar minha atenção dos instrumentos. É muito mais instigante tentar identificar se no fundo há um berimbau, se o piano utilizado é elétrico ou não, se o coral é grande ou se é composto só por algumas pessoas. Transporte essa fixação até para obras em minha língua materna, por isso, entre Chico e Caetano, vou sempre preferir o segundo, por achar mais melódico, ainda que o senhor Buarque tenha letras mais complexas.

Não acredito que estou pensando nos embates clássicos entre cantores de MPB ao invés de ouvir a música. Perdi quase tudo, acho que o último verso é algo como “su trabajo es ajeno”. Como relacionar isso com o negócio da estátua?

“Vou colocar uma segunda vez e aí conversamos em seguida. Tentem anotar. Sei que o ritmo é mais rápido do que o habitual, mas vocês precisam se acostumar”.

Ok. Essa é minha chance, preciso prestar atenção. Talvez o refrão ajude, ela repete várias vezes a mesma frase. O que é mesmo? “Marialanda”? O que será que é isso? Não, devo estar entendendo errado. “Maria sólo trabaja”. Bom, com isso eu consigo enrolar um pouco. Posso dizer que é sobre uma mulher pobre que trabalha tanto a ponto de não ter “tiempo, madrugada y mediodía”. Será que basta?

“Muito boa análise, Thiago. O autor realmente fez esse contraponto entre a mulher rica, cantada nas primeiras estrofes, e “as marias”, que não possuem tempo para a própria vida por estarem trabalhando nos lares alheios. E você, Carol? Qual foi a sua interpretação da música?”.

Ai, deus. Não sei o que dizer.

Me lembrou a Elis, Lilian.

Inteligência

Fábio C. da Silva

Dia de semana, terça feira agitada, típica do outono paulista, seca e ensolarada, quente ao sol e frio à sombra. Rebouças. Esperando o ônibus.

Sinal de parada, ônibus atrasado, mas não muito, nem tão cheio, à caminho da USP. Pensando em como utilizar a propriedade arquimediana pra mostrar que o conjunto dos números racionais são densos no conjunto dos reais. Subo as escadas do ônibus e escuto uma discussão entre duas velhinhas, o motorista e o cobrador acerca de um burro (sim, o animal mesmo) que aparecia na novela das 18 ou 19 horas.

Foi tudo muito rápido, as falas se intercalaram entre eles e me seguiu até a catraca com a conclusão do cobrador: "O burro é o animal mais inteligente da Terra". Parei, pensei e questionei minha existência toda erguendo o braço pra passar o bilhete único. Biiiiip. Passei a catraca e tinha 19 reais de carga no bilhete ainda. Procurei um lugar para sentar no fundo do ônibus. Não teve jeito, tenho que concordar com a afirmação.

A inteligência do burro deve estar em sua natureza. Se ele não gostar do que tá acontecendo ele sai. Se ele não quer ir pra um lugar, ele trava. E se encherem o seu saco, leva coice.

Mas onde estaria essa inteligência toda? Escondida? Guardada? Pra que? Precisava divagar, então deixei as demonstrações de lado com toda a sua lógica pra mergulhar nesse mistério. A inteligência do burro deveria estar em sua natureza! Por isso tenho que comparar conosco, os humanos, no alto de sua (nossa) arrogância, nos declaramos desenvolvidos, mudamos a face da Terra permanentemente, alteramos o clima de um planeta inteiro, pisamos na lua e mandamos "coisinhas" pra outros planetas no sistema solar e pra outros sistemas.

Mas no entremeio disso tudo, convivemos com nós mesmos. Beleza voltei da divagação e estou no meu assento no ônibus, ainda estava na Rebouças,

mas já estava no shopping Eldorado. Era só atravessar a ponte pra poder voltar no tempo e lembrar de umas aulas no jornalismo, onde Chico Ornellas disse que uma amiga dele dizia: "vendo meus textos, não minha consciência" acerca de escrever editoriais de jornais.

Um editorial não é só um texto de opinião, é mais do que isso, é a porcaria (nem todos são tão ruins assim) da opinião do veículo de mídia que você lê (se você ainda lê algum). É aí que começa a parte ruim de conviver com nós mesmos, cada um é diferente e pensa diferente, mas absolutamente todo mundo quer que os outros pensem como ele. É aí que mais que inteligente, o burro é respeitoso, não quer saber da sua opinião e nem quer impô-la à outra pessoa. Além de ser simples e, por que não considerá-lo por essa simplicidade, elegante, pois a resposta direta e simples pra quem enche seu saco é o coice. É até matemático, a resolução de um problema numa patada só, digno e merecedor do prêmio Oscar (não o da academia de ciências cinematográficas, mas o prêmio em homenagem ao rei Oscar da Dinamarca, da qual Poincaré ganhou ao resolver um problema e criar outros). Aí está a inteligência do burro, em toda a sua elegância, resolve problemas sem se reprimir, é freudiano, jungiano e todos os psicanalistas famosos que fale sobre a repressão de nossos anseios e vontades que criam angústias e traumas.

Eu quero ser burro pra poder viver resolvendo problemas de matemática com simplicidade e elegância, e por que não, com sofisticação. Ser burro é o que há de mais sensato nos dias de hoje. Mas seria eu feliz sem discutir com opiniões contrárias?

Fora de contexto

Luiza Mendes Missi

“Ela gravou uma fita das Spice Girls e me deu de presente de aniversário”. Uma frase como essa não faz o menor sentido para mim.

Não é como se eu não soubesse o que é uma fita. Nem como se eu não conhecesse as Spice Girls e o precedente que elas abriram para as girl bands do mundo todo. Mas mesmo que eu ouça a banda todos os dias num walkman e entenda tudo sobre o girl power que ela pregava, nunca vou entender completamente a pessoa que proferiu a frase em seu contexto original.

Em 2016, o single Wannabe completou 20 anos e as Spice Girls (que agora se identificam como Spice Girls GEM) anunciaram seu retorno com três das cinco integrantes. Pois bem, suponhamos um universo paralelo em que eu tenho um toca-fitas e sou fã das Spice Girls em 2016. Nesse universo, se alguém me der uma fita delas de aniversário eu ainda ficarei feliz. Talvez até tão feliz quanto a pessoa que ganhou a fita nos anos noventa, quando eu ainda não conseguia formar pensamentos coerentes. Ainda assim, não entenderei o que é fazer parte do fenômeno mundial Spice Girls. Afinal, é 2016. Fiz parte de outros fenômenos: de High School Musical a Jonas Brothers, nada me capacita para entender a febre Spice Girls.

Isso sem mencionar o fato de que também não entenderei o que é ganhar uma fita de aniversário — muito menos uma fita gravada em casa. O simbolismo desse ato se perdeu em algum lugar entre o k7 e o mp3. Como diabos se grava uma fita, afinal? Posso tentar comparar o gesto a alguém compartilhar comigo uma pasta no Google Drive com todas as suas músicas favoritas. Mas como saber se a comparação é fiel? Mesmo que alguém nascido antes de 1997 tente me explicar, jamais serei capaz de entender seus sentimentos em relação a isso.

Da mesma forma, um dia as pessoas deixarão de compreender o que eu

sinto quando começo uma playlist colaborativa no Spotify para montar uma trilha sonora para um evento que só vai acontecer daqui a um mês. Aliás, nem preciso ir tão longe para achar pessoas que não entendem nada disso: meu pai. Ainda estou batalhando para fazê-lo entender que Starbucks e Blockbuster são duas coisas completamente diferentes. Entender o Spotify é um desafio muito distante.

Ele também não faz a menor questão de entender. Assim como, apesar de sentir uma pontinha de inveja de quem ficou genuinamente feliz ao saber da volta das Spice Girls, eu não tenho pretensão alguma de entender o que é ser uma Spice Fan.

Coisas que você aprende na Universidade

Aline Naomi

Antes de entrar na USP, minhas expectativas em relação à universidade já não se concentravam tanto na graduação, mas no que a vida universitária poderia me proporcionar. Na época, achava que isso se resumia a tudo que uma universidade, enquanto academia, poderia oferecer: iniciação científica, grupos de pesquisa e projetos de cultura e extensão. Acreditava que a vida universitária me proporcionaria experiências daquelas que colocamos no Lattes.

Como diria uma frase pichada por aí, viver não cabe no Lattes.

Logo que entrei, tinha a certeza de que já me meteria a fazer coisas acadêmicas. Certezas de uma garota que acabava de sair do cursinho e que passou muitos anos tendo os estudos como principal fonte de conhecimento. Essa garota com certeza se surpreenderia com os rumos que tomou após ter entrado na USP.

No primeiro ano, entrei em algumas entidades. A primeira, e mais inesperada, foi a bateria universitária da ECA. Nunca tive grande afinidade com o samba, nem sabia da existência de um movimento tão forte de baterias universitárias nas instituições de ensino. De repente, estava aprendendo a tocar um instrumento de escola de samba. Uma surpresa para mim mesma.

A segunda foi o Redigir, um projeto de extensão que dá aulas de comunicação e cidadania para pessoas que talvez nunca teriam acesso à USP. Ele se baseia na horizontalidade, tanto em sua estrutura, quanto em sala de aula. E é na sala de aula, com os educandos, que conhecemos pessoas das mais diversas idades, classes e níveis escolares.

A vivência em ambas me ensinou muita coisa, não só inerentes a cada uma delas — como tocar um instrumento novo ou aprender sobre educação. Conheci pessoas que jamais conheceria ficando apenas na sala de aula. Pessoas de diferentes lugares, realidades e modos de pensar. Pessoas que te afastam um

um pouco da bolha que é nosso círculo de amizade e, principalmente, que é a USP.

Criar laços não é só uma questão de movimentar a vida social. Relações interpessoais ajudam a tornar a jornada universitária, essa transição repentina da adolescência para a vida adulta, em algo mais agradável. Chegamos à universidade com expectativas bem altas, principalmente quando se trata da “melhor universidade do país”. Mas o que consta nos rankings universitários nem sempre condiz com a realidade, e a graduação, e somente ela, não traz o aprendizado que poderíamos ter explorando outros aspectos da vida universitária.

Por isso que, para tornar a experiência na universidade menos frustrante, vale se apoiar nessas relações. Não só para ter conforto nas horas de desespero, mas para que possamos extrair delas algum aprendizado. Relacionar-se com o outro é, de certa forma, sair da sua zona de conforto. E é quando saímos da zona de conforto que aprendemos coisas valiosas.

Entramos na USP achando que o grande valor dela está no diploma que receberemos ao final do curso. Claro, ele não deixa de ter sua importância. Mas a vivência fora da sala de aula, nas entidades, nas coisas extras da graduação, até nas festas, é o que nos marca para a vida inteira. Minha jornada na universidade ainda nem chegou na metade, mas essa é agora minha (nova) expectativa sobre a universidade: que minha principal fonte de conhecimento seja a vida.

Culpa leviana

Lidia Matos

Saí da aula com a cabeça cheia e o estômago revirado. Talvez pela dor de cabeça e pelo brigadeiro de uma semana atrás que comi. Ou talvez simplesmente por eu estar cheia de tudo e sentir que precisava retirar esses pesos das minhas costas. Aquela sala minúscula me dá claustrofobia e ânsia. Ânasia, dores de cabeça, dores de estômago, tudo porque estou estudando demais, programando demais, analisando demais, focada demais. Alguns mais metódicos dizem que tais coisas são boas. Já ouvi conselhos do tipo “mas, rotina é bom”, quando ouvi isso, soube na hora que estava desabafando para a pessoa errada. A pessoa em questão queria ver resultados da minha bitolação, o tão famigerado ingresso na faculdade. Não que eu não queria ver resultados, só que estou tendo outros tipos de resultados, nada agradáveis.

Pensei por um tempo se deveria sair da aula daquela maneira. Perder uma aula de probabilidade e outra de democracia brasileira me pareceu loucura. Mas, percebi que seria mais loucura continuar ali naquele lugar enquanto minha cabeça queria explodir.

Só o ar puro e poluído de São Paulo já fizeram meu estômago aliviar da dor. Eu deveria aproveitar esse momento de vagabundagem para realmente vagabundear, ao invés de me preocupar de estar perdendo aulas. Já estive pior, e por isso mesmo sei que não devo me preocupar tanto em falhar. Todo mundo falha, e eu preciso aprender a aceitar isso. Eu também falho. Não posso ser perfeita, não sou um robô, tenho limitações, internas e externas, físicas e psicológicas. O difícil para alguém que quer abraçar o mundo e ser uma super heroína é justamente aceitar que é apenas uma humana falha. Além do mais, isso não deveria ser visto como algo pejorativo, e sim algo a ser comemorado. Eu tenho falhas! Eu não preciso fazer tudo certo! Eu faço o que eu posso e isso deveria ser suficiente. O problema é que nunca é suficiente. Não é suficiente

para o seu professor, não é suficiente para a sua mãe, para o seu pai, para o seu colega, para o seu diretor, e pior ainda, não é suficiente para você mesmo.

Mas, eu tenho falhas. Sou falha. Sou filha de pessoas falhas e convivo com amigos que também tem suas falhas. Vivo num país falho, num sistema falho, num mundo falho, mas o humano simplesmente tem a natureza de não perdoar suas falhas. Eu mesma não me perdo e sofro com a minha própria chibata, meu próprio julgamento.

Eu deveria me sentir feliz por estar em casa, ouvindo um disco melancólico, pensando qual livro eu poderia ler ou pensando em desenhar alguma coisa. Eu deveria aproveitar esse momento raro de descanso no meio da semana e pegar o livro da Patti Smith, ou terminar o do John Knowles, mas minha dor de cabeça simplesmente não permite. Ou mesmo terminar o conto que eu havia começado, mas não tenho nada em mente para escrever. Se minha bicicleta não estivesse com as rodas murchas eu poderia sair e pedalar. Poderia até dormir com o meu gato, já que acordei super cedo hoje, mas se o fizesse, eu não dormiria à noite e eu preciso dormir bem, já que amanhã tem aula. Poderia deitar numa rede e ver o dia se por, mas o pôr do sol ainda vai demorar algumas horas. Poderia simplesmente tocar violão e cantar o mais alto que posso, se eu ainda não estivesse sentindo meu estômago ruim. Poderia aproveitar esse momento se não estivesse com essa culpa leviana. Mas, mesmo tentando distrair, eu não me perdo por estar querendo distrair. É um ciclo sem fim, começa no final e termina no começo: a incapacibilidade de aceitar que é incapaz.

O adulto

Felipe Saturnino

(Hoje, no dia último deste fim de semana, lembro-me de quando me acometeu a transição.)

Foi em São Paulo.

Estava-se no verão, céu de à noite sem estrelas inumeráveis, e eu e uns amigos de colégio viemos por aí fora, menos agindo que pensando, e menos pensando que procurando em que pensar. Fingimentos. Andança demorosa, preferíamos as banalidades. Havia tempo em que não nos tínhamos à vista, sovertidos na neblina, e falar mudou em dificultosa tarefa. À época de que se diz, a expectativa, mãe das falsas concretudes, cintilava a significância do rever-nos. Muito brilhosa. Era tudo um reencontrar das faces, agora universitárias, envaidecidas, rememorar o que não de todo se esqueceu só para o cumprimento de protocolos loquazes, reelaborar o passado e prever desfechos. Se eu pudesse eu queria muito antecipar tudo.

O grupo assentou no exterior de um bar qualquer na avenida P., oblonga, profusa, conjunto algo numeroso, contava umas 13 pessoas, falantes, garbosas, irrequietas, felizes eu diria; via-me com elas. Pareceu-me, solene momento, que três meses apartados dos convivas e da formalidade escolar não haviam arrefecido o sentir do pertencimento, que é ainda algo crítico para uns e outros. O cotidiano, as piadas, os dramas – sem razão de ser. Eu estava muito espirituoso. Até que o rapaz do canto oposto ao meu – sentáramos numa sequência de mesas pequeníssimas – desviou o olhar após uma hora de conversa, desinteressadamente, e disse: “Vou”. Recordo-o muito vívido naquele lusco-fusco: tinha viço; uma alegria. No entanto, ao passar de sessenta minutos improficuos, ele, límpido, aparecia simples desistente.

Sem adjudicar importância a essa partida, ao meu flanco direito, perguntou uma voz o que é que a gente queria, e isso era umas duas ou três cadeiras

para o centro das mesinhas. Sobre ordenar novas pedidas. Mas era recapitular a que vínhamos também, assenti comigo. As conversações ascenderam umas oitavas, latejantes, altíssimas, e nos havíamos sorridentes, embora o ar fosse menos verídico, menos convidativo. Reparei em gestos pomposos, alguns mais ridículos; vislumbrei rostos balouçantes; a pressa que estraga os jantares aristocráticos, em que rondam as névoas da dissimulação. Dei voltas: muitas curvas. Eu também estava assim, bocado falso? Frequentava a todos um desgosto monumental?

Mas bebia-se bem. Isto em pouco muda.

O que se altera em um jantar ou uma saída casual com os amigos que não se falam há mais que um par de meses é a disposição à sinceridade, o abrir-se, disse uma amiga, à esquerda, menos rebuscadamente que isto, a meu lado irrevogável. Nisto, um casal se lançou a sair e foi. Vagamente perdi-lhes o nome para relatar. Vagamente, não se despediram.

“Quem eram esses mesmo?”, perguntou menino solícito, na ponta canhota das mesas. A amiga a meu lado me piscou. Houve que, então, tudo recendeu à chuva. O céu não plange há muito por aqui, não é. É verão, justificaram sem elucidar, e alguém disse algo efêmero a que não liguei importância. A deixa foi propícia, não sei por quê, a levantarem-se mais uns três, com duas horas de ação. E depois se ia Gaetaninho – Gaetaninho era pessoa graciosa, distraída, que estava pouco jocosa ali. “Estou indo”, ele disse, num erguer o sobrececho. Depois passaram uns minutos e só restaram a mim, minha amiga e uns três de nós. Ai, Gaetaninho.

Aí, embaraçosamente, fui-me eu. A amiga foi-se logo depois, disse ela mais tardar, num telefonema longo ao qual atribuí sentidos confusos. Falou algumas verdades, depois não falou nunca mais. Vi-a vez dessas e acho que vai bem.

Cheguei em casa por estes dias e pensei na porta, que abre e deixa ver e que cerra e some tudo. Pensei que entrar nessa porta e cerrá-la após o ingresso era despedir-me de alguns de “nós”. Mas estou adulto e, agora, fecho-a.

Referências

BRAGA, Rubem. A Borboleta Amarela. Rio de Janeiro: Editora Sabiá, 1963. p.88-90.

BARRETO, LIMA. O triste fim de Policarpo Quaresma. In: Jornal do Comércio, Pernambuco, 1911.

ASSIS, MACHADO. Memórias póstumas de Brás Cubas. In: Revista Brasileira, Rio de Janeiro, 1880.

MORAES, VINICIUS; MEDALHA, MARILIA; PECCI FILHO, A. B. Como dizia o poeta... Estúdios Reunidos, São Paulo, 1971.

CALLIGARIS, CONTARDO. Felicidade e alegria. In: Folha de São Paulo, São Paulo, 2010.

